



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**JONAS DOS REIS SOUZA**

**NARRAR E ESCREVIVER EM BANDO: RASTROS DE AFETOS, SABERES  
E RESISTÊNCIA COLETIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES-  
PESQUISADORES LGBTQIAPN+**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE  
JULHO DE 2025**

**JONAS DOS REIS SOUZA**

**NARRAR E ESCREVIVER EM BANDO: RASTROS DE AFETOS, SABERES  
E RESISTÊNCIA COLETIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES-  
PESQUISADORES LGBTQIAPN+**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias.

**SÃO CRISTÓVÃO - SE  
JULHO DE 2025**

S729n

Souza, Jonas dos Reis

Narrar e escrever em bando : rastros de afetos, saberes e resistência coletiva na formação de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+ / Jonas dos Reis Souza ; orientador Alfrâncio Ferreira Dias. – São Cristóvão, SE, 2025. 75 f.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

-

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Minorias sexuais – Educação superior – Sergipe. 3. Estudantes de pós-graduação – Sergipe. 4. Homofobia. 5. Pesquisa. 6. Universidade Federal de Sergipe – Estudantes de pós-graduação. I. Dias, Alfrâncio Ferreira, orient. II. Título.

CDU 37:305(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

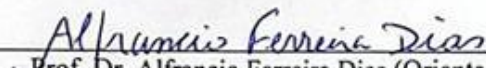


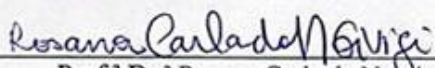
JONAS DOS REIS SOUZA

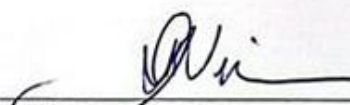
“NARRAR E ESCREVIVER EM BANDO: RASTROS DE AFETOS, SABERES E  
RESISTÊNCIA COLETIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES-PESQUISADORES  
LGBTQIAPN+”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade Federal  
de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 25.07.2025

  
Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias (Orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

  
Prof.ª Dr.ª Rosana Carla do Nascimento Givigi  
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

  
Prof. Dr. André Ricardo Lucas Vieira  
Instituto Federal do Sertão Pernambucano / IFSERTÃO-PE

Prof.ª Dr.ª Belijane Marques Feitosa  
Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é, para mim, um gesto político, poético e amoroso. Esta dissertação é feita de muitos encontros, afetos e atravessamentos. É o resultado de um caminho que eu não percorri sozinho, mas em bando.

Ao meu orientador, Alfrâncio, pela escuta atenta, pela paciência, respeito aos meus silêncios e fugas e pelas provocações que me fizeram escrevivenciar com mais coragem. Obrigado por me ajudar a acreditar em mim mesmo.

Aos meus amigos que são minha família escolhida. Vocês foram abrigo nos dias difíceis e fogo nos dias em que quis desistir. Obrigado por sempre me incentivarem e acreditarem em mim quando eu mesmo duvidei.

Ao meu bando no mestrado, especialmente Eloah, Hugo e Thomas, por dividirem os corredores, os medos, os cafés e os afetos. Por acreditarem no meu trabalho e por segurarem minhas mãos nas dores do parto. Vocês que, como eu, resistem e insistem em existir nos espaços da universidade.

Ao grupo de pesquisa ConQueer, por me ensinarem que pesquisar também pode ser uma forma de resistência e fonte afeto. Em especial ao André: obrigado pelo cuidado comigo e com meu texto, pelos ensinamentos que os muros da universidade jamais poderiam proporcionar e por escolher ser presente na minha jornada. Você é uma referência para mim.

Agradeço a mim mesmo, por não ter recuado. Por ter escrito, chorado, insistido. Esta dissertação é sobre vivência e também é um ato de sobrevivência.

Aos Orixás, minha reverência e gratidão por guiarem meus caminhos e me ensinarem que o saber também mora no corpo, no silêncio da mata, no tambor que pulsa dentro e fora de mim. Em especial, a Oxóssi, senhor das matas e dos saberes, que com sua flecha certa me ensinou a buscar com foco, a caminhar com silêncio e a confiar na força da floresta que me habita. Okê Arô!

A Universidade Federal de Sergipe e a CAPES, pela oportunidade de financiamento e pelo espaço de construção e disputa de saberes.

Alimento minha fé na Educação como caminho pra liberdade de ser e existir.

## **RESUMO:**

Esta pesquisa acolhe e entrelaça narrativas de vida de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+ da pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, construindo uma escrita situada, coletiva e afetiva diante das violências da LGBTfobia no contexto acadêmico. Por meio da autoetnografia e da escrevivência como método, o trabalho propõe tensionar as fronteiras entre quem pesquisa e quem é pesquisado, convertendo o próprio corpo e suas memórias em territórios de conhecimento. As trocas afetivas com outros corpos dissidentes — realizadas em bandos — geram deslocamentos epistemológicos e reencantam a experiência acadêmica como possibilidade de cura e resistência. A escrita emerge como performance política que questiona o ideal da neutralidade científica, evocando pedagogias dissidentes como espaços onde os saberes se misturam, se contaminam e resistem. Ao narrar as travessias LGBTQIAPN+ nos corredores da universidade, o estudo constrói brechas para outras formas de educar e existir, apostando em uma formação docente plural, contra-hegemônica e comprometida com a diversidade de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** LGBTfobia; Formação e pesquisa; Autoetnografia, Universidade; Pós-Graduação.

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1** – Carteira de estudante

**Figura 2** – Minha turma de graduação (2015.1)

**Figura 3** – Capa do The Sun e foto de Justin Fashanu com a camisa da seleção inglesa sub-21

**Figura 4** – Entre os amassos

**Figura 5** – A Manifesto - ConQueer

**Figura 6** – Carta-Convite ao Bando

**Figura 7** – Convite

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**LGBTQIAPN+** – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não Binários e outras identidades dissidentes da cis-heteronormatividade

**UFS** – Universidade Federal de Sergipe

**ConQueer** - Grupo De Estudos E Pesquisas Queer E Outras Epistemologias Feministas

**GT** – Grupos de Trabalho

## SUMÁRIO

|                                                                             |                                      |
|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| <b>Narrar e EscreViver ou sobre como introduzir .....</b>                   | <b>8</b>                             |
| <b>Narrar e EscreViver I</b>                                                |                                      |
| <b>Ainda Só. Nossa chegada era exceção .....</b>                            | <b>15</b>                            |
| <i>Onde estamos encaixados nessa narrativa? .....</i>                       | <i>16</i>                            |
| <i>Dobras e Amassos.....</i>                                                | <i>24</i>                            |
| <b>Narrar e EscreViver II</b>                                               |                                      |
| <b>Corredores Pedagógicos: Tecendo Vidas e Resistências Em Bandos .....</b> | <b>27</b>                            |
| <b>Narrar e EscreViver III</b>                                              |                                      |
| <b>Escritas de si com efeito de bando .....</b>                             | <b>36</b>                            |
| <i>Narrar como gesto metodológico .....</i>                                 | <i>36</i>                            |
| <i>Entre EscreVivências e autoetnografias.....</i>                          | <i>37</i>                            |
| <i>Corpos que pesquisam: quem escreve .....</i>                             | <i>42</i>                            |
| <i>Acolhida das narrativas.....</i>                                         | <i>43</i>                            |
| <i>Limitações e horizontes.....</i>                                         | <i>47</i>                            |
| <i>Cuidados éticos.....</i>                                                 | <i>47</i>                            |
| <b>Narrar e EscreViver IV</b>                                               |                                      |
| <b>Uma Escrita de Nós: Travessias, Vozes e Encontros .....</b>              | <b>49</b>                            |
| <i>Das minhas quebras com o bando.....</i>                                  | <i>49</i>                            |
| <i>sem nome, com endereço .....</i>                                         | <i>51</i>                            |
| <i>escrever pontes, desenhar outros mundos, viver encontros .....</i>       | <i>56</i>                            |
| <i>educação: nossas batalhas de paixão, dor e poesia .....</i>              | <i>62</i>                            |
| <b>Narrar e EscreViver V</b>                                                |                                      |
| <b>Sem fim .....</b>                                                        | <b>66</b>                            |
| <b>Referências.....</b>                                                     | <b>68</b>                            |
| <b>Rastros Documentais do Caminho .....</b>                                 | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |

## **Narrar e EscreViver ou sobre como introduzir**

*Viado!*

*Viado jamais poderia me resumir*

*Ser viado é o que me salvou e me salva todos os dias*

*Ser viado me libertou de mim*

*e de tudo aquilo que pensaram, forjaram, ditaram*

*e tentaram impedir que eu fosse*

*ser viado me permitiu ser eu*

*jonas e viado poderiam ter o mesmo significado*

*pois eu seria capaz de desassociar o ser viado do ser jonas*

*e jonas só soube o que era ser quem é após se entender viado*

*jonas não se resume a ser viado*

*e ser viado jamais poderia definir jonas*

*mas jonas jamais seria se viado não fosse*

*e tudo que jonas é, é muito mais potente por ser viado*

*ser viado é minha maior potência. (Jonas Reis)*

Por muito tempo vivenciei a palavra “viado” como ofensas e negações a mim mesmo, sobre quem eu era e a quem eu poderia vir a ser, a partir de toda violência discriminatória que a sociedade me fez ao me ler LGBTQIAPN+<sup>1</sup> ainda quando eu não me via como tal. Não foi pensar que eu era viado pela voz de julgamento da sociedade desde minha infância que me fez ser viado, eu sempre tive a compreensão sobre mim em relação as minhas performances e trejeitos, e sendo bem sincero, nunca me importei com esses rótulos revestidos de preconceito. Me preocupava muito mais em como isso me excluía dos demais. Não foi o saber que era viado que me fez, foram as experiências que transpassaram meu corpo e mente que me fizeram acontecer.

Larrosa (2002, p. 24) diz que “o sujeito da experiência seria algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”. Eu precisei experimentar o que é ser viado nas suas singularidades, nas descobertas, nas confusões, no medo do julgamento e na exposição. Foi preciso padecer a experiência de ser viado,

---

<sup>1</sup> Termo que representa uma pluralidade de identidades de gênero e orientações sexuais, que, juntas, desafiam as normas tradicionais de sexualidade e gênero (ALIANÇA NACIONAL LGBTI, 2021)

está em contato com o que viria depois do “Jonas é viado” pra que eu pudesse assumir que “ser viado é minha maior potência”. Experimentar ser quem eu sou me fez sair do desejo de não ser visto como viado para a paixão da experiência de ser Viado, foi aí que entendi Larrosa (2002, p.21) ao definir a experiência “sendo o que nos acontece e nos toca”.

Pensar na Pensar a LGBTfobia<sup>2</sup> partindo de como a sociedade construiu seus valores, nos leva a visualizar o poder hierárquico da masculinidade e suas representações diante do padrão cisheteronormativo que é reforçado diariamente nas repressões a pessoas LGBTQIAPN+. Padrão esse que ao ser confrontado com a diversidade leva a sociedade a marginalizar e violentar qualquer comportamento que não seja “viril” para os homens ou menos afeminado para as mulheres. Essa “masculinidade hegemônica”, como Connell (1995) nomeou em seu livro “Masculinidades”, subordina formas outras de expressão da masculinidade e sexualidade perpetuando esse padrão, estigmatizando e marginalizando os que não se conforme com essa normatividade.

A busca pela autoaceitação, que começa desde as descobertas do sentir e do agir ainda na infância, e a luta contra a homofobia se cruzam e transformam a trajetória social, pessoal, familiar, escolar, universitária e profissional de um LGBTQIAPN+ em uma complexa batalha que se esbarra em um contexto onde a sociedade é organizada de forma cisheteronormativa, faltando-lhes modelos a serem seguidos e se percebendo como subversivos a “norma”, resultando em sentimentos de culpabilidade e lidando com confrontos e ataques hostis, como a violência. Os corpos dissidentes não apenas carregam o peso do julgamento social, mas também são reiteradamente desautorizados como legítimos produtores de conhecimento, sujeitos pedagógicos e afetivos (Louro, 2009).

Ao passo em que o tema aqui abordado se materializa no âmbito das instituições educacionais, Louro (2014) denuncia que, histórica e estruturalmente, a colonização deixou marcas profundas nas instituições educacionais, moldando perspectivas e normas que mesmo hoje, na contemporaneidade pós-colonial, marginalizam as subjetividades não cisheteronormativas. Nas instituições educacionais, essas hierarquias se manifestam em currículos, práticas pedagógicas e políticas institucionais

---

<sup>2</sup> “discriminação contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e qualquer um que tenha orientação sexual ou identidade de gênero destoantes da heterossexualidade” (Brasil de Direitos, 2023).

que invisibilizam e oprimem subjetividades não conformistas (Quijano, 2000). Nesse sentido, os cursos de licenciatura são espaços formativos cruciais na preparação de futuros educadores, mas muitas vezes refletem e reproduzem a lógica dominante, perpetuando narrativas hegemônicas que apagam e criminalizam as diversidades raciais, sexuais e de gênero, repercutindo na vida e percurso acadêmico dos graduandos, desde suas relações interpessoais até sua autoestima e identidade.

Entre 2020 e 2021, em pleno ápice do trágico período da pandemia do COVID-19 e, sobretudo, no igualmente terrível ápice do período em que o culto a LGBTfobia, à violência, à misoginia, à discriminação racial, às *fake news*, ao negacionismo em relação à pandemia que assolava o planeta, dentre outras mazelas, foi encorajado pelas ideologias instauradas e difundidas pelo Governo Federal, suspeitamente capitaneadas pelo hoje investigado ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro (Mendonça & Fonseca, 2020). Esse contexto hostil teve efeitos significativos nas vidas e vivências das pessoas LGBTQIAPN+, tanto em âmbito pessoal quanto institucional. Naquele período, tive a oportunidade de realizar o trabalho monográfico intitulado *Homofobia na Educação Física: narrativas de estudantes de um curso de bacharelado* (2019). Nesse percurso, pude evidenciar que a LGBTfobia institucionalizada afeta o aprendizado e pertencimento dos alunos enquanto futuros profissionais e participantes ativos da sociedade. Foi possível observar como as cenas de LGBTfobia são naturalizadas e não problematizadas em sala de aula e nos demais espaços do Departamento de Educação Física. Essa experiência despertou em mim o desejo de expandir aquele universo de pesquisa através dos objetivos da presente proposta.

Diante desse cenário, proponho uma escuta sensível às escrevivências de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+, cujos trajetos acadêmicos são marcados por agenciamentos de armários LGBTfóbicos, conceito aqui adaptado de “armários homófóbicos” elaborado por Louro (2008), refere-se à imposição social que obriga indivíduos LGBTQIAPN+ a ocultarem sua identidade sexual ou de gênero, mantendo-se “dentro do armário” para evitar discriminação e violência, exclusão epistêmica e silenciamentos estruturais. Esta pesquisa nasce do desejo de *acolher* essas narrativas e reconhecer nelas não apenas dor, mas potência — a potência de desafiar, tensionar e (re)existir nos corredores da universidade. Assim, não se trata apenas de denunciar a LGBTfobia institucional, mas de construir, em bando, outras formas de estar, saber e transformar o mundo.

Escolho "acolher" por essa palavra carregar consigo uma potência afetiva e ética que rompe com a lógica investigativa tradicional, marcada por um distanciamento entre o pesquisador e as narrativas coletadas. Acolher é um gesto de escuta ativa, de reconhecimento e de cuidado com o outro. Neste texto proponho a criar um espaço em que as vivências e vozes sejam reconhecidas em sua inteireza, complexidade e potência. Acolher, também, implica um compromisso com o desenvolvimento de uma ciência que se aproxima das pessoas, que se preocupa com seus afetos, dores e resistências, especialmente quando se trata de corpos dissidentes e trajetórias historicamente marginalizadas.

Interessa-me compreender as repercussões desses impactos, enraizados em narrativas eurocêntricas e cisheteronormativas patriarcais, exercem influências profundas e complexas na vida, aprendizado e futura carreira dos estudantes LGBTQIAPN+ enquanto docentes-pesquisadores.

Menezes (2018) argumenta que a educação nesse processo possui um papel não apenas preparatório para o mercado de trabalho mas também fundamental no reconhecimento das diferenças, valorização das diversidades e das experiências de vida daqueles que são considerados subalternos devido a discriminação por raça, sexualidade, gênero. Acrescento ainda a noção de performance de gênero, conforme proposta por Butler (2003), pois esta pode representar comportamentos diferentes do gênero com o qual o indivíduo se identifica. Antecipa-se que a LGBTfobia, ao subalternizar as identidades homossexuais nos contextos acadêmicos, contribui para uma série de desafios, afetando não apenas a autoimagem e a autoestima dos estudantes, mas também influenciando seus processos de aprendizado e psicológicos (Neto, 2022; Frost e Meyer, 2024).

Ao adotar uma abordagem autoetnográfica, a pesquisa permitirá que os estudantes LGBTQIAPN+ compartilhem suas histórias e perspectivas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente desses processos e das estratégias de resistência e resiliência. Nas narrativas, espero que, por meio da escrita coletiva, possa emergir um “efeito de bando”, uma reflexão crítica sobre como transformar as pedagogias existentes em *modos outros* de ensino, que valorizem e celebrem a diferença e as potências do *eu diferente*.

Mas por que “efeito de bando”? Em tempos onde os poucos direitos que conquistamos com muita luta, suor e sangue são retirados de nossas mãos com a muita violência, reafirmando o compromisso do Estado em matar as minorias que sobrevivem

de forma precária por conta das diferenças, é urgente que criemos novas formas de reexistir. O “bando” que aparecerá ao longo do texto, é um espaço de resistência onde corpos dissidentes se unem a partir das suas diferenças para encontrar novos sentidos, mundos e *modos outros* de vida a partir das suas quebras, dobras e amassos (Jota Mombaça, 2021). O efeito de bando é *tudo* o que vem após as políticas públicas de morte e a violência cisheteropatriarcal, o encontro dos afetos em uma (des)organização coletiva onde o único governo é o de si mesmo (Rolnik, 2014).

Historicamente, a discriminação contra LGBTQIAPN+ no Brasil sempre existiu, mas desde que os movimentos começaram a ganhar força na luta contra a LGBTfobia o apagamento dos LGBTQIAPN+ das políticas públicas e das causas sociais tornou-se mais evidente. A ditadura militar no Brasil fez com que os espaços dedicados a política, discursos e cultura queer fossem censurados e com isso as denúncias contra discriminações não chegavam à população da época (Cassana et al, 2018). Esse apagamento é tão atual que em 2019, o governo de 12 Estados mais o Distrito Federal não divulgaram o número de homicídios contra LGBTQIAPN+ (Brasil de Fato, 2021). O silenciamento da vida LGBTQIAPN+, o não cumprimento políticas públicas voltadas a educação e ao respeito a diversidade contribui para o fomento de uma sociedade preconceituosa que reproduz o discurso que “LGBTfobia é mimimi”, e que acredita possuir o poder de escolher pela existência do homossexual e opinar na sua forma de expressar-se e relacionar-se.

Diferente do que se espera, nas universidades também acontecem os chamados “agenciamentos de armário”, visto que evidenciam a reprodução da legitimidade heteronormativa nas relações do poder, do saber e do ser. Sendo assim, a Universidade — território do saber e de pluralização da diversidade — também age como espaço de disseminação de violência contra essa diversidade e tudo o que não se enquadre na lógica biológica considerada a “natural e única correta” (Barreto et al. 2019, p. 277).

É muito comum ver relatos de alunos universitários onde citam as violências no meio acadêmico desde sua forma velada nas piadas, comentários e “brincadeiras” LGBTfóbicas tanto na forma mais diretas como nas verbalizações e agressões físicas. Os casos se repetem em todo o Brasil e fora dele, e isso só espelha em como as instituições de ensino básico e superior não estão preparadas para tratar o tema e lidar com a diversidade da população. Em julho de 2025, mais um desses relatos se tornou público, vindo diretamente dos corredores da universidade onde esta pesquisa é realizada. Uma estudante trans da Universidade Federal de Sergipe (UFS) denunciou,

de forma anônima, em mensagem enviada via rede social e divulgada publicamente no perfil @tinderdaufs, um episódio de transfobia vivenciado ao se deslocar para uma aula na Didática V (um dos 7 blocos de salas de aula da universidade). Ela relatou:

“Oi Tinder, tava conversando com uns amigos e eles sugeriram que eu trouxesse esse caso aqui, porque se trata de transfobia e precisa ser exposto. Então...

Sou uma mulher trans estudante da UFS e estava indo pra uma aula na Didática 05, passando entre as salas 06 e 08, por volta das 15h40. Tinha um grupo de garotos rindo, e no começo achei que era só conversa entre eles, risadas normais. Mas, quando passei por eles, começaram a falar: 'é um traveco', 'é um traveco', e riram alto. Fiquei sem reação, só entrei na sala me sentindo super mal.

Depois, quando consegui me recompor um pouco, saí tentando tirar uma foto deles, mas o máximo que consegui foi uma foto de uma parte do grupo não tão nítida que não sei se pode ser publicado.

Mas peço que vocês me ajudem publicando para que caso tenha tido alguma testemunha próxima e possa me ajudar, também pra expor esse ato de transfobia dentro dos corredores da UFS.”<sup>3</sup>

Ler esse relato me atravessou de forma profunda. A cena descrita é conhecida por muitos de nós: os risos altos, as palavras que cortam, a sensação de exposição pública, de insegurança cotidiana. O corpo trans é violentado não apenas pelo insulto, mas pela normalização desse tipo de ataque. E é neste ambiente que construímos nossos caminhos acadêmicos.

O resultado disso tudo no desempenho no alunado, seja escolar ou superior, são o desinteresse, abandono e evasão, entrada no mercado de trabalho, construção de identidade distorcida que reflete nas relações sociais e afetivas, vulnerabilidade física e psicológica (Junqueira, 2009).

Diante desse contexto, a pergunta que orienta esta pesquisa é: Como essas experiências de vida impulsionam a produção de conhecimento e influenciam a autonomia dos alunos-pesquisadores diante das experiências de LGBTfobia?

É por meio dessa questão que esta proposta se insere e visa contribuir com as discussões sobre perspectivas epistemológicas contracoloniais; pesquisas acadêmicas; para a formação de professores — provedores e difusores da educação para a vida. Para o combate à problemática sustentada pela realidade da LGBTfobia e, não menos importante, para mim enquanto ser humano, social, que habita este território de existência a experiência. Junto a isso, os objetivos aqui propostos foram galgados através de uma abordagem autoetnográfica, em que há lugar para o plano da

---

<sup>3</sup> Relato publicado de forma anônima no perfil @tinderdaufs no Instagram, disponível em: [https://www.instagram.com/p/DLr5E\\_LuyLM](https://www.instagram.com/p/DLr5E_LuyLM). Acesso em: [04/07/2025].

subjetividade inerente à capacidade da reflexão humana sobre o tema. Assim, o pesquisador se posta ao lado do objeto estudado, hibridizado, indissociável.

O objetivo geral deste estudo acolher e refletir, a partir das narrativas de vida, sobre os processos formativos de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+ da pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em meio às experiências de LGBTfobia, cisheteronormatividade e resistências vividas em suas trajetórias acadêmicas. E, especificamente, acolher as narrativas de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+ da pós-graduação em Educação da UFS, identificando processos LGBTfóbicos em suas trajetórias acadêmicas; expor estratégias de enfrentamento e resistência adotadas pelos alunos-pesquisadores frente ao agenciamentos de armários LGBTfóbicos; e EscreViver coletivamente a partir dos corredores e dos corredores, saberes que transformam o ambiente universitário.

Mobilizo o conceito de Escrivivência, elaborado por Conceição Evaristo (2007; 2020), como uma via alternativa às formas tradicionais de produção acadêmica. Mais do que um modo de escrever, a escrevivência representa uma forma de atribuir sentido às experiências vividas, aproximando os saberes que circulam dentro e fora dos muros da universidade. Compreendo esse gesto como uma revolução tanto literária quanto epistemológica, um movimento que reivindica o protagonismo das vozes e memórias silenciadas pelo sistema, conferindo valor às vivências e colocando essas escritas no mesmo patamar dos demais métodos e gêneros acadêmicos. Escrivivência, aqui, é também um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, um ato de teimosa esperança.

E relaciono Bando a ideia/conceito de Jota Mombaça (2021) em “Não vão nos matar agora”, especificamente, sobre efeitos de quebra que se tocam, que vão se juntando em suas fissuras.

Assim, componho o que chamo: “Narrar e Escrever em Bando”.

## **Narrar e Escrever I** **Ainda Só. Nossa chegada era exceção**

### ***Chegamos onde chegamos como exceções***

*Como meu corpo e mente "transviada" se modificaram durante meu percurso acadêmico?*

*Como a academia força essa modificação?*

*Como eu me enxergo diante dela?*

*Suicidei muitos de mim para chegar aqui.*

*Quantos corpos eu matei?*

*Quantas mentes eu violei?*

*Violentei para tentar me identificar.*

*Como percebi que era na desidentificação que eu me identificava?*

*Quais rotas o meu eu pesquisador transviado utilizou?*

*Como me posiciono diante dessa desidentificação com a cisheteronormatização institucional? (Jonas Reis)*

Me reconhecer me coloca em um lugar de fazedor de pesquisa. Também, me conecta com outros e esses outros se conectam comigo em espaços pequenos que tornam-se grandes territórios cheios de "nós". Não em quantidade, pois somos exceções, mas com nossas vivências plurais e cheias de marcas e atravessamentos que, mesmos vividos de forma individual, nos expandem ao contato com os outros. Comecei a perceber várias existências, muitas trocas, muitas poc, muita vida. Então que só seria esse?

Estudar sendo um corpo gay afeminado assusta. Um sapatão macho? Aqui não! Pessoas trans no esporte? Não aceitaremos! Não podemos permitir que um corpo dissidente se comporte como quem é. Não. Não podemos!

Falar de sexualidade, pensar a partir de trans-vivências, estudar diversidade e escrever sobre LGBTfobia? Ah por favor, esse espaço aqui é sobre ciência, e ciência isso jamais será. Onde já se viu um estudante da Educação Física querer falar de corpos dissidentes e suas dificuldades em sobreviver no ambiente acadêmico. Não temos espaço pra isso no nosso departamento, no nosso programa. Aqui falamos de corpos e seu corpo não é motivo de estudo, ele é não é aceito.

## *Onde estamos encaixados nessa narrativa?*

Figura 1 – Carteira de estudante



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Sempre me questionei de onde surgiu meu interesse em estudar gênero e LGBTfobia dentro do curso de bacharelado em Educação Física. O fato é que a ausência de identificação de mim mesmo com algo que amo estudar me corroía, me corrói até hoje. Em primeiro lugar, por enxergar no meu futuro profissional lacunas que não saberia preencher com o que era me ensinado no curso.

Por meio da matriz curricular do curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS, 2011 e 2019), aprendemos sobre anatomia, fisiologia, biomecânica, técnicas desportivas. Também, como ser um educador físico, atuando como um agente de promoção, através da prática desportiva e do exercício físico, saúde, qualidade de vida e desenvolvimento social. O que sempre me pegou é o lugar que a educação física me colocava como homem gay, ou melhor onde eu me enxergava na educação física e apesar de lidar “bem” com essa dúvida, me provocava sempre entender como os meus eram vistos - não eram vistos.

Aqui já estava compreendendo que vida do personal era também vida que pesquisa (Dias, 2024), ou mesmo, como uma flor, claro que um girassol, estava amadurecendo, me abrindo, num exercício crítico de pensar minha formação e suas incoerências; As brechas eu comecei a fazer um saber-potência. Eu estava talvez iniciando o que Evaristo (2007; 2020) chama de Escreviver, uma junta de escrever e viver como uma gay-estudante, memórias que eu poderia expor ou mesmo que eu deixasse meu corpo citar.

Acredito que corpos dissidentes são corpos políticos. Corpos que cheiram, que escrevem com armas prontas para a guerrilha, com vida. Esse texto terá muito disso: narrar a vida, escrever a vida. Não quero mais que escrevam sobre a minha vida-trajetória-pensar-sentir-agir ou do bando, sim, efeito de bando, efeito de teia, efeito da rua, com inspiração do trabalho de Rosa, Dias e Givigi (2024).

A maneira que os corpos são vistos e entendidos como corpos treináveis não cabe os meus: afeminadas que desejam glúteos e coxas grandes no lugar de braços fortes e peitos estufados; mulheres que desejam um corpo musculoso ficam masculinas demais e perdem a ‘feminilidade’. Quantas mulheres e homens transexuais eu via nas academias de ginásticas? Nunca os via no período de quatro anos de graduação. Isso era um termômetro da naturalização das ausências, embora eu estivesse focado em desmascarar as ações LGBTfóbicas, não poderia deixar de notar que outras corpos também não estavam performando ali. Isso por se só diz muito. Bando dos impossíveis, bando dos que foram colocados à margem, ou até mesmo, esquecidos propositalmente. Esses corpos eram gritantes, autodescreviam, eram sujos, eram vidas-em-disputa.

Gostaria de trazer um pouco mais sobre o processo de transição de gênero que por muitas vezes provoquei abordagens dentro das aulas da graduação, uma vez que a anatomia e a fisiologia são conteúdos base para a educação física. Questionava e questiono muito a ciência do corpo onde esses corpos estavam inseridos e como eu poderia ser um personal trainer que pudesse contribuir para que pessoas em transição de gênero passassem por esse período com menos dificuldade. Eu estava sensível e querendo segurar mais forte suas mãos, na Esperança que as mesmas também o fizesse.

A terapia hormonal, a modificação física, a qualidade de vida, a saúde mental, a realização de esporte, o conhecimento sobre seus limites físicos, a periodização de treino voltado a transição, são temas que eu queria entender e me especializar dentro do meu percurso acadêmico. Me dilacera não compreender, há pelo menos oito anos quando entrei na graduação, o meu papel de educador físico na minha comunidade (LGBTQIAPN+) com os meus. Em estudos recentes, Lopes et al. (2019) e Serrano et al. (2019) elucidam o preconceito sofrido por mulheres e homens trans que buscam realizar atividade física em ambientes esportivos e de cuidado ao corpo, como as academias de musculação, denunciando o despreparo dos profissionais em educação física e dos gestores na atenção e inclusão de todos, que possuem deveres éticos profissionais perante a sociedade conforme descrito no CONFEF 508/2003:

CONSIDERANDO que um país mais justo e democrático passa pela adoção da ética na promoção das atividades físicas, desportivas e similares;

CONSIDERANDO a função educacional dos órgãos integrantes do Sistema CONFEF/CREFs, responsáveis pela normatização e codificação das relações entre beneficiários e destinatários;

CONSIDERANDO a necessidade de mobilização dos integrantes da categoria profissional para assumirem seu papel social e se comprometerem, além do plano das realizações individuais, com a realização social e coletiva (CONFEF, 2023).

Me revolta reconhecer a realidade de pessoas LGBTQIAPN+ que em seus lugares de corpos e mentes dissidentes não possuem perspectivas de práticas desportivas ou se sintam respeitadas em lugares onde possam realizar algo tão comum na sociedade como a exercícios de musculação e dentro dos seus corpos com suas particularidades. Me revolta mais ainda perceber que assim como eu, todos os outros graduandos da educação física não foram e não são profissionalizados para atender essas demandas e preencher as lacunas científicas relacionadas aos corpos dissidentes.

Em maio de 2023, a Deputada Estadual Linda Brasil denunciou transfobia contra uma adolescente transexual de 16 anos, aluna da Rede Estadual de Ensino do estado de Sergipe. A jovem foi vítima de transfobia pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura de Sergipe (SEDUC), sendo impedida de participar do maior campeonato de esporte escolar do estado, os Jogos da Primavera. Em notícia publicada no site da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (ALESE), a direção da escola em questão informou que a adolescente teve sua inscrição no campeonato negada pela SEDUC sob a justificativa de não enquadramento nas regras da Confederação Brasileira de Voleibol, que são voltadas a atletas profissionais com idade superior a 18 anos. No entanto, esse não é o caso da adolescente. Além disso, a SEDUC recomendou que a aluna fosse inscrita no time masculino, desrespeitando mais uma vez seu gênero e nome social, e evidenciando a LGBTfobia institucional presente no governo do estado.

Em agosto de 2023, o até então prefeito de Boa Vista (Roraima) promulgou a Lei nº 2.445, que proíbe atletas transexuais de competirem em categorias opostas ao sexo biológico. Em uma votação unânime entre os vereadores da cidade, foi defendida a punição que varia desde multa até banimento do esporte para esses atletas e para as equipes esportivas que contrariarem a decisão da lei. Decisão essa fundamentada em transfobia e discriminação, uma vez que há evidências científicas anteriores às notícias mencionadas acima que comprovam a equiparação entre atletas cis e trans que realizam o tratamento hormonal adequado, o qual, inclusive, prejudica variáveis como força,

velocidade e resistência física dos atletas, de acordo com Alvares (2022) e Borges et al. (2019).

Em um caso mais recente, em maio de 2025, uma personal trainer e ex-fisiculturista de Recife em Pernambuco, foi impedida de acessar o banheiro feminino da academia onde trabalha após ser lida como uma mulher trans. A situação ocorreu quando uma cliente questionou sua presença no banheiro, alegando que aquele não seria “seu lugar”. Mesmo sendo uma mulher cis, seu corpo hipermusculoso não correspondeu às expectativas da feminilidade normativa, acionando imediatamente mecanismos de controle, vigilância e expulsão. A situação se agravou com a participação de um homem, que reforçou a tentativa de negar seu acesso ao banheiro, propondo que utilizasse um outro, dito “inclusivo”. O episódio foi registrado pela vítima e compartilhado nas redes sociais, tornando pública não apenas a violência vivida, mas também as dinâmicas de produção da cisnormatividade nos espaços de sociabilidade corporal, como as academias (Pinheiro, 2024) o caso repercutiu na internet levantando questões sobre como pessoas cisgênero também estão passíveis de transfobia por performarem suas estéticas de forma dissidente. Esse não é um caso isolado. Levanto aqui outro questionamento: E se fosse uma mulher trans, como seria a recepção e repercussão desse crime? O ponto dessa discussão, é como estamos sendo formados de maneira discriminatória e violenta contra esses corpos. Corpos que EscreVivem.

Diante do que tenho EscreVivido, quero trazer como é difícil me compreender como agente de um estudo como esse. O parágrafo anterior termina com uma questão que, há muito tempo, acompanha minhas buscas e reflexões sobre o ensino e sobre as formas como aprendemos. Penso também em nossos avanços enquanto professores e pesquisadores queers, em um ambiente tão disputado e duro quanto a universidade.

É duro não se sentir legitimado. Duro acreditar na imponência das minhas vivências. Acreditar na própria potência de estudante-pesquisador, como um professor-vivente. É diante dessa dureza que retorno às minhas memórias, reflexões e histórias, corres e aulas UÓ! Agora entendo o que Evaristo (2007) sentia ao dizer que escrever dói, mas que a paz que se sente ao colocar essas dores pra fora, é como romper o silêncio que nos foi imposto. Reviver ou colocar na mesa o conhecimento adquirido nos difíceis oito anos que passei na graduação deveria ter me preparado como pesquisador. Mas minha resposta é clara: não me preparou! Na verdade, o “poder do uso do conhecimento”

que não recebi na graduação foi algo que sempre me deixou inseguro quanto a ser um professor de Educação Física Gay. Porque, no fundo, era como se aquilo tudo... nunca tivesse sido feito para mim.

Figura 2 – Minha turma de graduação (2015.1)



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Era o único gay autodeclarado da minha turma (2015.1) e, no primeiro ano da graduação, cursei oito disciplinas obrigatórias. Todas elas ligadas a desenvolvimento social, pessoal e histórico na Educação Física. Me recordo facilmente que nunca houve menção de pessoas LGBTQIAPN+ no histórico do esporte, na saúde pública, nas mudanças fisiológicas ou na antropologia da saúde (temas que estiveram presentes nesse primeiro ano).

A minha formação já me apagava da sua ementa. Nunca fui reconhecido como protagonista de modificação dos estudos da ciência da saúde pois não havia espaço pra mim e pra minhas (nossas) particularidades e necessidades — as nossas, me uno a todos os que vieram antes de mim, os que vieram depois de mim e os que ainda virão.

Nós somos símbolos de resistência, que poderia facilmente substituir por sobrevivência já que é o que viemos e vimos fazendo desde sempre, e cuidado com o spoiler: continuaremos por um longo tempo sendo sobreviventes, pois é o lugar que a falta de nós nos nossos estudos nos colocará sempre. Essa ausência de protagonismo me fez trancar o curso duas vezes e repensar o porquê eu ainda insistia em tentar prosseguir em um ambiente que só me impulsionou pela minha revolta interior de não concordar em não existir, onde eu queria ser o que eu nasci sendo.

Tenho vivo em mim episódios marcantes desses longos oito anos onde eu só queria aprender e tive esse direito negado pela LGBTfobia no meu percurso. Gostaria de ilustrar um deles para refletir sobre os avanços — retrocessos — que me deixaram puto da vida e revoltado com o des-conhecimento que eu era exposto nas aulas.

O ano era 2017, no mês de novembro pra ser mais específico, e iniciava o semestre na disciplina de metodologia do futebol. Lembro que nas duas primeiras aulas o professor falava do histórico do futebol desde o seu início até os tempos contemporâneos e eram trazidos vários marcos importantes de reconhecimento do esporte, a globalização, a paixão nacional que tomou conta do Brasil, as discussões sobre regras, normas e barreiras rompidas pelo futebol. E, uma dessas barreiras foi a revogação do decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 assinado pelo até então presidente do Brasil Getúlio Vargas, onde no artigo 54 dizia não ser permitida — está proibida — a prática de desportos incompatíveis com sua natureza.

Lembro-me como isso chocava a turma, inclusive eu, que um presidente se preocupasse mais com o lazer do que com a saúde pública do país — é claro que não podemos esquecer que o período político gritava repressão já que estava no auge da ditadura militar do então “Estado Novo”, mas ainda assim era um choque. Mas, também lembro que em 2017 vivíamos um período onde de um lado, dentro da universidade, se debatia o conhecimento profundo das teorias queer, do outro, o repúdio de uma sociedade preconceituosa que se recusava (até hoje) a aceitar a sexualidade e gênero fora da binaridade.

Apesar de ser um período acalorado onde se reivindicava o respeito e a aceitação, existia um avanço que era apagado da história do esporte: a permissão de pessoas transgênero praticarem esportes através do Conselho de Estocolmo em 2003. Apesar de incluir regras para a prática, era um grande avanço na ocupação dos espaços para atletas trans e que deveria ser abordado, discutido, estudado e compreendido dentro do curso de Educação Física, mas não era. E além de não ser, ainda existia o clima hostil que renegava qualquer pauta do tema com LGBTfobia em forma de comentários e “piadas” por parte do professor e alguns colegas de turma, uma vez que o futebol é um esporte de “macho” que servia e serve até hoje para reafirmar a masculinidade. Vou citar alguns desses comentários comuns não só na disciplina de futebol:

*“Futebol não é lugar pra viado”.*

*“Ah mas eles que criem o próprio time pra caber trans e bicha”.*

*“Imagina o vestiário com um viado enquanto a gente troca de roupa”.*

Essas eram algumas das perversidades que ouvia enquanto aluno viado, e precisava ouvir calado já que não podia contar com ninguém pra ser contra ou apoiar minha narrativa.

Lembro também que sempre que havia esses episódios os olhares chegavam a mim e pareciam entrar através dos meus olhos pra saber o que eu estava pensando, se iria rir em concordância aos abusos que saíam de suas bocas ou se ia gerar uma discussão sobre LGBTfobia. Nesses primeiros anos, a única defesa que eu sabia era a que aprendi em casa: me calar e sofrer sozinho. Minha experiência com futebol sempre foi como a de qualquer menino gay que não conseguia jogar bem na rua quando criança e era excluído pelos trejeitos, o que impossibilitava aprender a jogar. Sempre quis aprender a jogar futebol, mas esse aprendizado também foi me tirado.

Hoje, tenho buscado celebrar outros como eu que conseguir romper essas barreiras e que me dão energia e coragem para derrubar as minhas barreiras e em forma de homenagem quero trazer a conhecimento de vocês o primeiro jogador de futebol a se declarar abertamente gay: Justin Fashanu, que em 22 de agosto de 1990, através de uma entrevista a um dos maiores jornais do mundo, o The Sun, e na manchete dizia “Estrela de 1 Milhão de Libras: EU SOU GAY”.

Fashanu foi um atleta de muita fama por suas habilidades no campo e dentre elas pelo seu destaque no futebol ainda no início da sua carreira profissional, se tornando o jogador negro mais caro do Reino Unido. A sua vida foi marcada por luta desde o seu nascimento quando foi seus pais o recusou e o deu a adoção, no racismo que sofreu todas as vezes que entrava no campo de futebol e em volta da sua sexualidade que sempre foi motivo de especulação e escândalos envolvendo as festas que frequentava e as pessoas com quem se envolvia, e o afastamento dos campos devido sua vida pessoal que era desaprovado pelos seus treinadores por ser gay.

A sua sexualidade se tornou mais importante que seu talento pelos tablóides da época e ele foi vítima de acusações falsas de abuso sexual que levou a sua morte aos 37 anos em 2 de maio de 1998. Fashanu deixou uma carta que no final dizia “Bom, a Justiça nem sempre é justa. Senti que não teria um julgamento justo por conta da minha homossexualidade”. Fashanu é tido até hoje como referência no futebol, e apesar de tentarem apagar sua história pelo fato de ser gay, ele continua inspirando outros atletas que se identificam com sua coragem de carregar o título de “Primeiro jogador a se assumir gay” e a mim como educador físico que com minha vida busco ocupar os espaços da ciência da saúde como um homem gay.

Figura 3 – Capa do The Sun e foto de Justin Fashanu com a camisa da seleção inglesa sub-21



Fonte: Divulgação e Getty Images (2024).

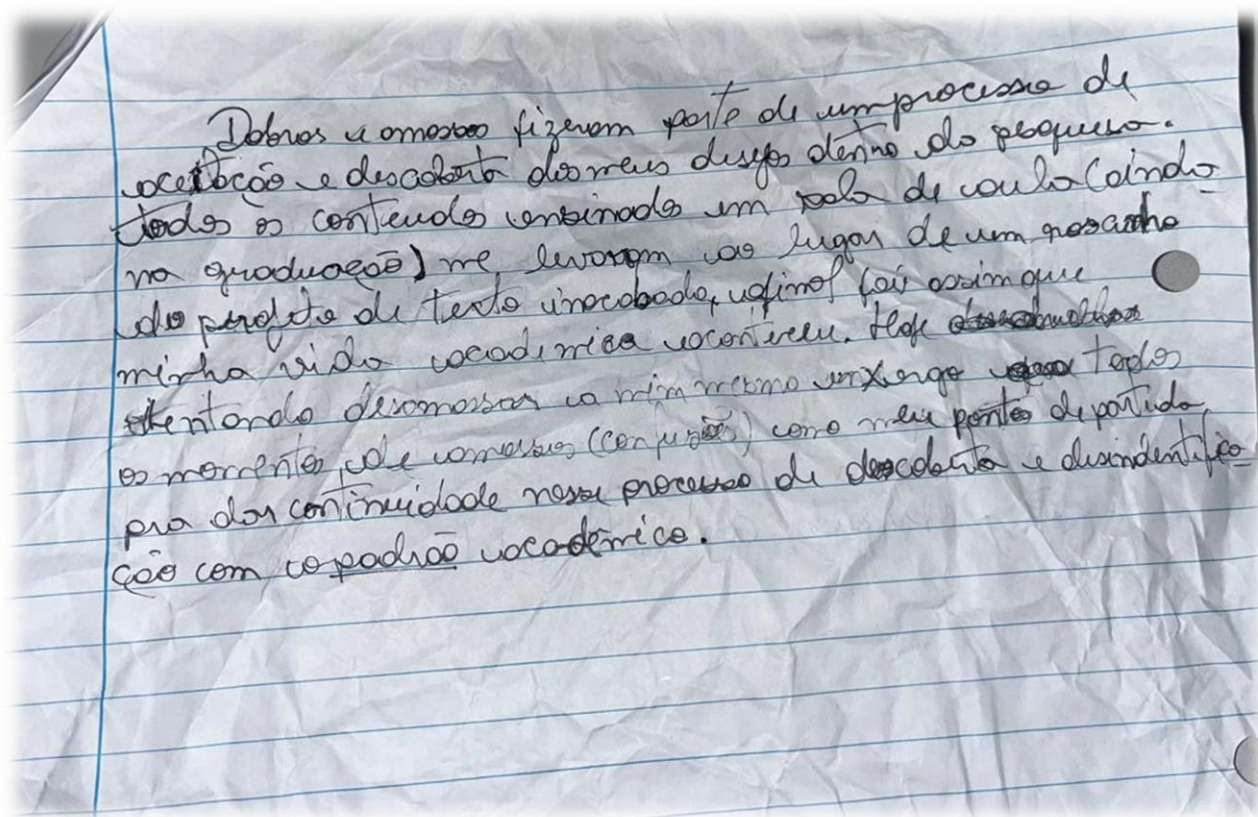
Sempre guardei em mim as marcas que essas situações me causavam e o sangramento que me fazia não querer está ali e foi nesse período que iniciaram as confusões internas do meu lugar de pertencimento na Educação Física. Eu queria meu lugar mas mais uma vez era me tirado, no lugar que deveria me levar pra longe, fazia eu precisar das passos atrás pra me questionar e entender como eu poderia ser um bom profissional ou como eu seria a diferença se na minha diferença eu não era aceito na minha área de formação.

Depois que me formei busquei evadir da educação física, e sempre reforçado internamente pelo sentimento de insegurança e falta de espaço no mercado para um personal trainer gay. Nos meus estágios sempre foi nítido que a busca pelo auxílio do personal era categoricamente alunos homens cishéteros com profissionais homens cishéteros, mulheres cishéteros com profissionais cishéteros. E, para mim, profissional gay, a busca era por aqueles que não eram assistidos por esses profissionais e que por sua vez também sofrem algum preconceito como etarismo, capacitismo e a LGBTfobia.

São muitas problemáticas dentro de um ambiente que primordialmente deveria promover saúde e desenvolvimento social e diante dessa realidade, que não me permitia ser o profissional que gostaria de ser para as pessoas que gostaria de prestar meu serviço, meu desânimo e decepção foram as forças para fugir da atuação profissional.

## Dobras e Amassos

Figura 4 – Entre os amassos



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Finalizar a graduação deixou de ser uma questão profissional ainda na metade do curso e passou a ser uma missão unida com minha vontade de fugir desse ambiente que desestabilizava cada célula do meu corpo. Ao passo em que estudava a mim mesmo percebia que não me via como parte do que estava sendo estudo. Essa ausência me fazia sentir medo de quem eu seria no futuro. Me levou a duvidar da força das minhas próprias vivências. Aquelas que me trouxeram questionamentos a respeito de mim mesmo: iriam as experiências vividas no meu processo formativo definirem os limites da minha escrita? Serio eu apenas um reproduzidor dos conhecimentos em mim incutidos? ou poderiam essas experiências incorporar as minhas outras várias identidades? Não busco respostas definitivas ou nem quero mais sofrer com elas. Reabro meu armário, revisito o que havia deixado lá. Retomo, quem sabe, a mim mesmo.

Revirar memórias, abrir nossos baús empoeirados do tempo é exercício complexo. De dentro deles podem emergir fragmentos de sonhos azuis, amores antigos a sensação do gosto do doce predileto da infância. Podem emergir até mesmo histórias que não são nossas, mas que, de alguma maneira, se cruzam com a nossa (Rocha; Brito; Dias, 2022, p. 5).

Quando entrei na graduação me via como uma folha de um caderno universitário, com muitas linhas limpas e o desejo de escrever minha história com a academia. Foi nesse movimento cheio de adrenalina e tesão que nos meus amassos com a ciência eu fui sentindo as fronteiras do saber se cruzando com as fronteiras do meu ser gay. Cada vez que buscava mais conhecimento me via mais distante do que eu acreditava ser possível: o Jonas (gay) ser um professor de educação física (gay). Esses cruzamentos das fronteiras me fizeram desacreditar das potências que um corpo gay poderia ter na ciência do corpo e como meu corpo gay poderia ser potência para a ciência.

O que pode um corpo gay na produção científica? TUDO. Estou em disputa. Com muita vontade de por a baixo as noções de racionalidade, objetividade, neutralidade e separação objeto/pesquisador, como aprendi nas aulas de Metodologia da Pesquisa em Educação. Essa epifania me fez reconhecer que minha trajetória-vida por si só já produzia ciência, a mesma ciência que a Educação Física deseja apagar, a mesma ciência que essa escrita já precidia por Evaristo (2007) e que continua sendo disputada ao longo dos anos a partir de outros como eu. Compreendi que meu corpo e minha história se cruzavam com as problematizações em torno das violências que atravessam um corpo dissidente. Toda experiência vivida por um LGBTQIAPN+ é carregada de ciência, “andar pelos corredores das universidades, nas ruas, nada disso é uma vivência trivial. Cada passo dado, cada corredor cruzado, cada ano letivo cumprido” (Rocha; Brito; Dias, 2022, p. 3). A partir daqui, defender o que acredito também passa a ser meu trabalho, a minha vida e a minha forma de sobrevivência.

Sai da graduação com muita vontade de estudar mais a fundo todos esses movimentos que desmotivaram e motivam a continuidade em escrever sobre minhas experiências. Percebo que a autonomia e confiança na minha voz (pesquisa) foram abaladas e na minha mente ecoavam (e ainda ecoam) os questionamentos em cima da minha capacidade de escrever. Valorizar minhas experiências para a educação, uma vez que por muitos anos fui me dobrando, como essa mesma folha do caderno, para que pudesse me tornar redondo o suficiente para a ciência. O que não me contaram é que essas dobras e amassos me fariam uma bolinha de papel e que jamais me tornaria redondo com todas as marcas e demarcações causadas por esses processos de dobras.

Toda borboleta passou por uma metamorfose ainda quando lagarta. A beleza de ser uma nova criatura também é vista na dor da mudança, nas rupturas da casca, no desconforto do casulo. Talvez eu não precise mais me dobrar para caber nos moldes da

ciência. Talvez as marcas em mim — essas que pensei que me invalidavam — sejam como as asas da borboleta: vincadas, sensíveis, mas únicas. E é com elas que agora alço voos mais altos dentro e fora da universidade.

Figura 5 – A Manifesto - ConQueer



## *A Manifesto\_ConQueer*

*"A Manifesto\_ConQueer, é uma imagem\_des\_arquivo (Santos, 2025) de algumas memórias da III Conferência Internacional dos Estudos Queer, e um chamado para lembrar que toda memória é política, e que lembrar também é um ato de invenção. Se é possível inventar, é possível sonhar, esse des\_arquivo é um pouco disso, dos sonhos coletivos, dos encantamentos dos encontros, das possibilidades que a resistência coletiva pode desenhar, é sobre referências.*

*Cada rosto, cada abraço, cada foto, cada sorriso, cada emoção, cada escuta, cada experimentação, cada rodopio, cada dança, cada arte, cada manifestação, conta sobre tudo que foi o ConQueer 2024, tudo isso pulsa aqui como uma manifestação de que re\_existimos para além do medo, para além da dor, para além dos limites do imaginável, sobre as nossas maneiras de fazer arte, política e saberes.*

*A Manifesto\_ConQueer é também uma cartografia de afetos, é como friccionar os limites do tempo, não é como um ponto final do que já passou, mas uma quebra do tempo em que o passado, o presente e o que ainda vamos inventar se tocam. É uma grande celebração, portanto parti da referência de Késia dos Anjos Rocha (2023) de um ManiFesta, como uma possibilidade ambiciosa de estar plural, com o intuito de celebrar nossas vidas (Rocha, 2023)*

*Esse des\_arquivo segue aberta, segue inquieta, segue celebrando.  
Porque se tem algo que aprendemos é que nenhum sonho e nenhuma  
memória sobrevivem sozinha, precisa de corações que se deixam  
atravessar.*

*Que venham outros encontros, outras histórias, outros  
des\_arquivos. Seguimos."*

*Autor: Thomas Cardoso*

Fazer mestrado era um pensamento que não fazia parte da minha realidade, não fazia parte do que eu fui formado para ser, não fazia parte daquilo que eu acreditava que era para mim. Disseram-me repetidamente que não era possível. Buscava um espaço, mas nos editais de mestrado da Educação Física não cabiam minhas demandas como homem gay. Essa impossibilidade não se dava apenas pela ausência de referências ou incentivos, mas por uma pedagogia do desestímulo que, como aponta bell hooks (2013), naturaliza a exclusão de sujeitos marginalizados dos espaços formais de produção de conhecimento. Fui ensinado, dentro e fora da universidade, a ocupar o lugar da margem como se fosse o único possível para mim. O espaço do saber legítimo, do pesquisador autorizado, da voz reconhecida, parecia inatingível.

Muitas vezes, quando pensei em entrar no mestrado, já me batia a insegurança de que tudo que aprendi na graduação não fazia sentido, porque nada do que aprendi de fato me incluía, nada do que aprendi me fazia protagonista, nada do que aprendi me empoderava para utilizar esse conhecimento como alguém que sabe o que está fazendo e, sim, apenas reproduzindo informações, reproduzindo conteúdos, reproduzindo conhecimentos que não conseguem abraçar todos os corpos.

Ainda na graduação, escutava do professor de Metodologia de Pesquisa (disciplina que preparava para a escrita do trabalho monográfico) que eu deveria estudar aquilo que me tocava na Educação Física. Ciência do corpo, demandas energéticas, atividades esportivas, exercício físico dentro e fora das academias, eram temas que me foram apresentados, mas em nenhum deles o meu ser se identificava. Aquela fala, que parecia incentivar a autonomia, se tornou para mim um dos momentos mais

angustiantes de toda a trajetória. O que me tocava era justamente a LGBTfobia que atravessava os espaços da Educação Física e a constante sensação de não pertencimento, de falta de identificação com tudo aquilo que era ensinado. Levantei com alguns possíveis professores do Departamento de Educação Física a possibilidade de me orientarem em trabalhos com temas voltados a saúde pública da população LGBTQIAPN+ ou a homofobia enfrentada por mim dentro do curso e a resposta era uma só: *"não consigo te orientar com isso"*. Como estudar a partir do que me afetava, se o que me afetava era exatamente o modo como a própria formação apagava e silenciava a minha existência?

A angústia que vivi reflete o que bell hooks (2013) aponta como o limite de uma educação que silencia corpos marginalizados como produtores de saber. Ao propor uma pedagogia transgressora, hooks valorizava as experiências que emergem da dor e da diferença. No meu caso, o que me tocava era a dor da exclusão na Educação Física, um campo marcado pela cisheteronormatividade em todas as suas camadas. E é nesse lugar que reside o conflito: como ser chamado a pesquisar o que me toca, se o que me toca é, precisamente, o que o campo não reconhece como válido?

Foi nesse momento que pela primeira vez minha quebra encostou na de outro como eu. Foi nos estreitos caminhos dos corredores universitários que encontrei um colega do curso de Pedagogia que me falava que tinha um professor que seria ótimo para me ajudar a tirar essa raiva de dentro em forma de texto. Nesse momento que encontro o professor, e então meu orientador, Alfrâncio. Ao dividir com ele um pouco do que vivenciava na minha graduação ele me motivou a escrever a partir da dor, da fúria, do inconformismo, da angústia — e assim nasceu minha monografia e a gastei essa dissertação.

Quando faço uma reflexão sobre a minha saída da graduação, percebo que esse percurso foi de muita fuga. Sair da graduação não era somente para me formar, era também sair do ambiente da universidade, do lugar onde eu estava cercado por pessoas que reproduziam o padrão cisheteronormativo e onde, o tempo todo, outras formas de comportamento, performances e corpos eram invisibilizados. Não era possível existir plenamente ali. A fuga, nesse contexto, não era covardia, mas uma tentativa de sobrevivência. Como propõe Jota Mombaça (2021), há momentos em que o corpo dissidente precisa se retirar para não ser engolido por estruturas que o destroem em

silêncio. Em uma das conversas que tive com Belijane no ConQueer<sup>4</sup> 2024, ela me contava que, assim como eu, precisou se afastar da academia para conseguir forças para continuar a escrever e pude entender o quão poderosa também podia ser essa fuga pra mim.

Para além disso, Belijane (2023), ao articular o conceito de ebós de saberes, propõe que em contextos de exclusão epistêmica construída pela universidade, a retirada pode se converter em um rito de passagem: um ritual de purificação e reinvenção epistemológica, onde o sujeito dissidente se recolhe, recoloca suas experiências ancestrais, afetivas e coletivas no centro e emerge com novos modos de existir e resistir.

A universidade, com seus corredores estreitos de normatividade, se apresentava para mim como uma máquina de produzir desistências. Não fui só eu que fui embora: muitos de nós se esvaem diariamente, entre os silêncios, os olhares, as violências simbólicas. No entanto, como também nos ensina Mombaça (2021), a fuga pode ser uma estratégia de reinvenção. Ela não é apenas ausência: é pausa, respiração, deslocamento tático. E foi desse deslocamento que nasceu o desejo de voltar, mas de outro jeito: não mais para me encaixar, mas para disputar.

“Isso não é para mim.” “Entrar no mestrado não é para mim, porque eu não tenho essa capacidade.” Minhas inseguranças iam além de quem eu sou; elas vinham do Jonas que diziam que não conseguiria fazer nada relevante, que não tocaria as pessoas, que não seria importante. Encarar a universidade como um espaço que eu poderia ocupar não foi algo imediato, era, antes de tudo, um exercício de reaprendizagem sobre mim.

Durante cada etapa do processo seletivo para o mestrado, eu só pensava que não era capaz. Toda vez que eu superava um obstáculo, sentia felicidade, porque parecia possível viver aquilo da forma que eu era, com o que eu queria estudar, com a maneira que enxergava a educação e a pesquisa no mestrado, com aquilo que me tocava profundamente: as minhas experiências e luta para me manter inteiro neste espaço que eu não me encaixava. Ainda assim, cada nova etapa reacendia a dúvida: “Isso não é para mim.”. Esses pensamentos e sensações eram os efeitos da exclusão epistêmica, que, como argumenta Spivak (2010), não se restringe apenas ao conteúdo formal da

---

<sup>4</sup> ConQueer - Grupo de Estudos e Pesquisas Queer e Outras Epistemologias Feministas

educação, mas se manifesta também nos espaços que deveriam possibilitar a construção do conhecimento.

A universidade, mesmo sendo um espaço que, por muito tempo, não foi feito para mim, também se revelou um lugar de disputa, um lugar de possibilidades e fissuras que me deixavam em estado de constante quebra (Jota Mombaça, 2021). O processo seletivo foi um desses processos que me lembraram dessa disputa, e a aprovação foi também uma afirmação que dentro das quebras também estão as possibilidades: a partir do que me tocava eu me tornava um pesquisador em Educação, Cultura e Diversidade.

Cruzando pela primeira vez o espaço da universidade agora como mestrando, eu sentia que a trajetória acadêmica era uma travessia carregada de significados que já me haviam sido impostos e que poderiam ser repetidos. O sentimento de incapacidade ainda me acompanha. No entanto, também reconheço que esse é um lugar onde posso disputar minha existência, ainda que suas estruturas não favoreçam a minha entrada, permanência e conclusão do curso.

Lembro que, na primeira semana de aula, o sentimento que me dominava era o de que não bastava ter entrado na pós-graduação. Havia em mim uma crença, imposta ao longo da vida, de que aquilo não era possível e isso trazia uma forte sensação de não encaixe. Lembro como isso era intenso, especialmente no primeiro semestre do curso. Muitas vezes, eu repetia isso para mim mesmo e para meu orientador: “Eu não me sinto encaixado”. Tudo parecia distante. Eu não me sentia confortável com meu ser, meu corpo, minha aparência.

As disciplinas obrigatórias tinham alunos de várias linhas de pesquisa, e eu me sentia diferente até dos meus colegas (que futuramente passaram a ser parte do meu bando). Era muito difícil identificar como eu poderia existir naquele espaço. Muitas vezes, eu não me sentia capaz de iniciar um debate ou contribuir com alguma fala, pois sempre achei que o que eu pensava, sentia e vivia não era importante o suficiente para ser dito. Spivak (2010) argumenta sobre esse sentimento de auto-invalidação como um resultado da opressão estrutural que deixa de ser apenas uma força externa, mas também passa a ser um apagamento interno que dificulta a expressão de vivências de estudantes LGBTQIAPN+, como as minhas, impedindo a construção de uma subjetividade que se reconheça como digna de escuta e que acredite que sua voz tem valor dentro dos discursos. Mas não era somente nas salas de aulas que eu aprendia.

Os corredores da universidade nunca foram apenas espaços de passagem. Em mim eram também lugares de exclusão e violência, revivendo as sensações da

graduação. A noção de "armário acadêmico", que Butler (2003) discute em suas reflexões sobre performance e regulação de corpos, atravessava minha experiência acadêmica. A necessidade de ocultar partes de quem sou para sobreviver dentro desse espaço sempre foi uma condição constante. A constante autovigilância do meu corpo e mente durante essas passagens também me levaram a refletir como eu me posicionava nos espaços públicos e a questionar o projeto epistêmico de apagamento que habita nas universidades ao colonizarem os gêneros e performances (Lugones, 2008), nos fazendo buscar constantemente meios outros de sobreviver a essa disputa. Nesse sentido, Jota Mombaça (2021) propõe que a quebra é, antes de tudo, um estado que permite reimaginar a resistência. Foi somente ao encontrar outros corpos dissidentes no grupo de pesquisa em que passei a fazer parte, o ConQueer, que comecei a perceber que na colagem dos estilhaços também emergiam afetos e formas de prosseguir, reexistir em bando.

Ao passo que o segundo semestre iniciou, eu já dividia alguns momentos com outros colegas do ConQueer. Foi nesse contexto que enxerguei o bando. Encontrar outros que viviam as mesmas fissuras que eu, foi um marco. Não foi um encontro planejado, nem anunciado, mas aconteceu. Um olhar, uma brincadeira que só fazia sentido para nós, um desconforto compartilhado sobre um tema abordado em sala de aula. Aos poucos, fomos percebendo que poderíamos ser frágeis ali, mas também poderíamos ser fortes juntos. Mombaça (2021) fala da quebra como um estado que não precisa ser solitário. Minhas fissuras individuais se somavam a outras, criando uma nova forma de resistir. Os corredores, que antes eram apenas lugares de exclusão, passaram a ser espaços de encontro, refúgio e cuidado. A partir desse reconhecimento, o percurso começou a se tornar mais leve.

Incontáveis vezes eu busquei o bando somente para me sentir parte dele. Nas reuniões de grupo para falar sobre pesquisas em curso, nas reuniões sobre orientação ou nos momentos de planejar encontros e congressos, o ConQueer não era somente um grupo de pesquisa. Ele era refúgio para um lugar que podia dividir meus dias, minhas novidades, minhas angustias, minhas alegrias, que eu podia ser eu mesmo. Nessas incontáveis vezes, posso contar nos dedos os momentos que eu fui de fato falar da minha pesquisa de mestrado, alí era meu estudo vivo, onde entre cafés e risadas a gente tirava os pesos das costas que trazíamos, para mim, era como uma terapia semanal onde ao entrar na sala eu sentia como a cura acontecia, em contato com os meus.

Como propõe Belijane (2023), há caminhos que se abrem nas encruzilhadas acadêmicas, nos quais ocupar espaços com saberes subalternos é também prática de mandinga, um gesto de reexistência epistêmica que transforma a universidade em território de cura, escuta e reconstrução. O ConQueer, nesse sentido, não era apenas campo de batalha, mas também terreiro de afeto, onde a mandinga coletiva que compartilhávamos — entre risos, silêncios e acolhimentos — gerava uma pedagogia que não cabia nas normas, mas que se enraizava na vida.

O terceiro congresso do ConQueer, realizado em 2024, foi outro marco na minha trajetória como homem gay e pesquisador. Com o tema “*Estudos trans e cuir: intersecções e diálogos transnacionais*”, o evento não foi apenas um espaço acadêmico de apresentação de trabalhos, mas uma celebração de saberes insurgentes que se alimentavam de afeto, dor, partilha e reexistência. O congresso nos convocava a pensar: *como viver na radicalidade do impossível?* Como tocar as quebras umas das outras sem romantizar a dor, mas politizando as feridas abertas das Américas Latinas?

Poder fazer parte da organização do congresso me atravessou de múltiplas formas. Estive na secretaria, onde tive a oportunidade de acolher, escutar e conhecer pessoas de várias partes do mundo — estudantes, professores, ativistas. Troquei experiências com estudantes da graduação da UFS que estavam como monitores no evento, mas também com colegas da pós-graduação e em especial com Belijane Feitosa, que para além de compor a teorização desse trabalho também pude dialogar sobre o sentimento de fuga durante os processos formativos, assemelhando-se ao que também vivi no mestrado. Esses encontros não estavam nos anais do evento, mas seguem vivos em mim, como parte do que considero a epistemologia encarnada do ConQueer.

Estar ali me fez perceber que o ConQueer não era só um grupo de pesquisa: era meu bando. Pessoas como Eloah, Thomas, Hugo, André, Alfrancio e Gabriel (membros do grupo Conqueer) trabalharam diretamente comigo. Entre a correria e os cansaços, havia partilhas de cuidado, olhares de cumplicidade e palavras que acolhiam as dificuldades. Ao final de cada dia, trocávamos agradecimentos sinceros, reconhecendo no outro a entrega, a força e a vulnerabilidade. Quando os estresses surgiam — e eles surgiam —, ouvíamos uns aos outros com empatia. Era como se abrísssemos rachaduras na casca grossa que o cotidiano acadêmico impõe, permitindo que a escuta nos curasse.

Assumimos juntos que o congresso não era um campo de disputa, mas um espaço de convívio insurgente, onde todo saber era reconhecido como legítimo, onde toda vida presente era valorizada. Ali, chorei sem medo. Ri como resistência. Me

reconheci nos olhares, nos abraços e até no silêncio dos que, como eu, carregam a dor de terem sido calados em outros lugares. A forma como estávamos juntos, nas falas, nos corpos, foi tão importante quanto os conteúdos apresentados. Cada mesa, cada grupo de trabalho (GT), cada café compartilhado era mais do que um momento: era um ato de presença epistêmica coletiva.

Um dos grupos de trabalho que mais me atravessou foi “Entre rasgos, riscos e rasuras: Epistemologias Transfeministas e Educação”, onde vi e ouvi travestis falarem de currículo, arte, educação e afeto como quem grita, mas também como quem costura. O GT sobre representatividade LGBTQIAPN+ no esporte brasileiro me afetou diretamente, pois tocava naquilo que pesquiso e vivo e também via ali outras vozes dissidentes rompendo com os armários das quadras, das academias e dos estádios.

O congresso do ConQueer foi, sem dúvida, o espaço mais feliz que já vivi na universidade desde que entrei no ensino superior, em 2015. Ali, fui inteiro. Os corredores da universidade, que antes significavam exclusão e silêncio, naquele momento foram convertidos em corredores pedagógicos de reencantamento, onde a pesquisa se escrevia com o corpo, e o conhecimento era feito de conversa, abraço, riso e escuta.

Estar na pós-graduação nunca foi apenas sobre um título ou diploma. É sobre abrir brechas, transformar experiências em saberes e reencantar a universidade para que ela deixe de ser apenas espaço de exclusão. Persistir, para mim, é um ato político. E seguir em bando tem sido um gesto de cuidado, poder e resistência.

### **Narrar e EscreViver III** **Escritas de si com efeito de bando**

#### ***Narrar como gesto metodológico***

Antes de adentrar os procedimentos metodológicos, é importante reforçar que esta dissertação é, em si, um exercício metodológico. A escrita que aqui se apresenta é parte da construção dos dados, e não apenas seu relato. Desde as seções anteriores — como “Narrar e EscreViver ou sobre como introduzir”, “Narrar e EscreViver I Ainda Só. Nossa chegada era exceção” e “Narrar e EscreViver II Corredores Pedagógicos: Tecendo Vidas e Resistências Em Bandos” — o texto assume um gesto de autorreflexão metodológica, onde narrar e escrever são também formas de pesquisar. Esse movimento, alinhado à escrevivência e à autoetnografia, tensiona a separação tradicional entre método, corpo, dado e análise.

A autoetnografia, aqui mobilizada, não se apresenta como método de análise posterior à coleta de dados, mas como forma de produzir os próprios dados em meio à escrita. O gesto de narrar é, em si, gesto metodológico. Ao revisitar memórias, registrar episódios marcantes e refletir criticamente sobre as experiências, a escrita se torna um espaço performativo onde a subjetividade do pesquisador, os atravessamentos estruturais da LGBTfobia e a coletividade do bando se entrelaçam na produção do conhecimento. As seções que compõem esta dissertação são espaços de criação metodológica, onde se des-pesquisa, se autorreflete e se tensiona o lugar da ciência tradicional. Esses trechos não são “dados” analisados: eles são o próprio movimento de produção dos dados, fundindo vivência e crítica, corpo e epistemologia.

Ao utilizar essas estratégias, a autoetnografia deixa de ser apenas um recurso metodológico e se torna um modo de escutar a si e ao outro, de tensionar as fronteiras entre o que é dado como científico e o que é sentido como verdade. Essa abordagem permite não apenas produzir conhecimento, mas reposicionar os sujeitos (pesquisador e coletivos) quanto às suas humanidades, e ainda assim afirmar suas trajetórias-vida como gesto de legitimidade epistêmica.

Ao articular autoetnografia e EscreVivência, esta pesquisa assume uma postura metodológica que ultrapassa os protocolos da ciência normativa. Não se trata apenas de uma escolha técnica, mas de um gesto ético, político e epistemológico, que transforma a investigação em espaço de escuta, partilha e reexistência. Trabalhos como os de Nascimento et al. (2023) propõem o conceito de “experivivências (auto)etnográficas”

como forma de narrar os atravessamentos vividos em contextos formativos, integrando escrita de si e análise crítica. De modo complementar, em Ebós de saberes, Belijane (2023) convoca essas metodologias desde a encruzilhada dos saberes negros e femininos, onde corpo, memória e oralidade se afirmam como fundamentos de uma pedagogia decolonial. Esses aportes evidenciam que articular autoetnografia e EscreVivência não é apenas produzir saber, mas também criar fissuras na normatividade científica, recolocando o corpo como arquivo, o afeto como dado e a escuta como método.

### ***Entre EscreVivências e autoetnografias***

Esta pesquisa nasce do inquieto desejo de um pesquisador em refletir sobre as experiências que emergem dos encontros entre a academia e as subjetividades dos indivíduos. Busca-se compreender como as percepções e a consciência de si, ao serem integradas a uma postura ético-política influenciam no processo de empoderamento científico. Ao me reconhecer como um homem gay estudante de mestrado, percebi que minha trajetória acadêmica e pessoal está intrinsecamente vinculada às experiências vivenciadas como alguém que desafia as normativas de sexualidade estabelecidas socialmente. Ao longo da minha formação, o percurso foi marcado por momentos que exigiram resiliência e reflexão sobre a minha presença e legitimidade dentro do ambiente universitário.

A proposta de escrever um texto autoetnográfico parte do entendimento de que minha experiência individual não é isolada, mas, sim, representa um ponto de intersecção entre questões identitárias, sociais e políticas. A academia, em muitos momentos, tornou-se um espaço que exigiu de mim estratégias de enfrentamento à LGBTfobia, tanto em suas formas sutis quanto explícitas. Dessa forma, utilizo o relato autoetnográfico buscando explorar como a minha identidade enquanto homem gay se manifestou e influenciou meu processo formativo, a produção de conhecimento e o meu posicionamento crítico diante dos desafios impostos pela cisheteronormatividade presente na vida acadêmica.

Ellis et al (2015) define a autoetnografia como “uma abordagem de investigação e escrita que visa descrever e analisar de forma sistemática a experiência pessoal para compreender a experiência cultural” (ELLIS et al, 2015, p. 1, tradução nossa). Para a autora, um estudo autoetnográfico tem a capacidade de produzir pesquisas

significativas, envolventes e acessíveis, fundamentando-se em experiências e vivências individuais, com o propósito de sensibilizar os leitores para experiências silenciadas, questões de identidade política e formas de representatividade que ampliam a empatia.

Dentro desse processo de des-pesquisar exploro a autoetnografia como uma metodologia potente e transformadora, especialmente por ser uma ferramenta que busca dar destaque às vivências que os métodos positivistas consideram não importantes em um processo de construção de conhecimento científico. A autoetnografia, ao integrar as experiências pessoais e emocionais do pesquisador com a análise crítica, rompe com as tradições normativas da academia, permitindo que as vivências individuais se conectem com questões culturais e sociais mais amplas.

Enxergo a autoetnografia como uma rota alternativa para dar voz às experiências de alunos LGBTQIAPN+ que enfrentam preconceitos dos diversos modos em seus percursos acadêmicos, muitas vezes atravessados por desafios como o silenciamento e a marginalização. Ao adotar essa abordagem, o pesquisador não apenas narra suas experiências, mas as utiliza como base para uma reflexão crítica sobre a cisheteronormatividade e as estruturas sociais que moldam o ambiente acadêmico. Essa metodologia permite a construção de um conhecimento que não apenas reconhece, mas valoriza as subjetividades e as experiências pessoais e coletivas.

As formas de abordagem da autoetnografia se configuram de acordo com a consciência do autoetnógrafo, implicando na introspecção crítica de si mesmo, do outro e do ambiente, através da análise de suas ações e percepções dos diálogos com os outros. Destarte, essa metodologia insere e retifica o plano subjetivo no universo da pesquisa científica de cunho qualitativo.

A autoetnografia apresenta uma abordagem contracolonial que contrasta com métodos positivistas tradicionais, ao recusar a separação entre o pesquisador e seu objeto de estudo. O pesquisador é visto como parte integrante da pesquisa, e suas experiências e emoções são elementos essenciais para a produção do conhecimento (Lopez-Cano e Opazo, 2014). Em pesquisas que investigam trajetórias de vidas não normativas, por exemplo, a autoetnografia é particularmente relevante para compreender como as dinâmicas sociais tensionam as vidas e impulsionam movimentos pessoais estratégicos de resistência para sobrevivência produzindo, conforme Neto (2022), um saber contestatório, que, por sua vez, desafia vigorosamente as fronteiras impostas pelo colonialismo e pela colonialidade na modernidade, permitindo que suas narrativas sejam reveladas e examinadas de maneira crítica.

Esse método também confronta a hegemonia acadêmica, que muitas vezes exclui ou marginaliza as subjetividades dissidentes. Ao incorporar memórias e emoções, a autoetnografia proporciona uma forma de resistência contra essas estruturas normativas. Além disso, promove um conhecimento mais acessível e engajado, conectando experiências pessoais a questões mais amplas de resistência e transformação social.

No decorrer de meus estudos autoetnográficos, tenho buscado refletir sobre minha própria trajetória como um homem gay na pesquisa, destacando como minhas experiências de enfrentamento à LGBTfobia influenciaram minha percepção, segurança em me posicionar e produzir conhecimento. O uso da autoetnografia me permite uma análise aprofundada das micropolíticas de silenciamento e resistência vivenciadas, evidenciando como as normas cisheteronormativas afetam diretamente minha atuação acadêmica como um LGBTQIAPN+.

O texto autoetnográfico revela as estratégias de resistência utilizadas pelo pesquisador ao longo de sua formação acadêmica, desde a renegociação de sua identidade até o enfrentamento de preconceitos sutis e explícitos.

Utilizando elementos da autobiografia e da etnografia para refletir experiências pessoais como meio de entender experiências culturais e suas influências no processo de reconhecimento de si no ambiente acadêmico. Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador mapear sentidos e narrar suas próprias vivências e as contextualizar culturalmente, considerando a pesquisa como um ato político e socialmente consciente.

No percurso autoetnográfico, uma prática comum é reconstruir memórias pessoais com textos, imagens, objetos, sons, que pode ser feito por meio de cronologias e auto-inventários. Por exemplo, criar uma linha do tempo dos eventos significativos relacionados à sua trajetória acadêmica ou refletir sobre pessoas, ações e experiências que influenciaram o desenvolvimento de sua identidade e valores (Lopez-Cano e Opazo, 2014). Esse processo não só fornece compreensão sobre o impacto da cultura e da sociedade nas vivências individuais, mas também permite que o pesquisador identifique padrões que se aplicam a outras pessoas em situações similares, criando uma ponte entre o pessoal e o coletivo.

A autoetnografia, portanto, não se limita a relatar experiências individuais, mas contribui para uma discussão mais ampla sobre a necessidade de ambientes acadêmicos mais inclusivos e acolhedores (Ellis et al, 2015).

Lopez-Cano e Opazo (2014) classificam a autoetnografia em três tipos: descritiva, analítica e crítica. Cada uma dessas abordagens oferece diferentes formas de explorar as experiências do pesquisador. Na autoetnografia descritiva, há uma ênfase na narração de fatos sem uma análise aprofundada apresentando os dados de maneira direta, sem incluir interpretação ou julgamento; na analítica, o foco é na reflexão crítica sobre as experiências vividas, exige registros precisos e detalhados, com o objetivo de explorar as situações, promovendo reflexões e epifanias a partir dessas observações; enquanto na crítica, o objetivo é desafiar e transformar as estruturas sociais e culturais, identificando de suas limitações e falhas, permitindo que se construa uma argumentação.

Lopez-Cano e Opazo (2014) também apresentam estratégias metodológicas para a coleta de dados autoetnográficos, como a memória pessoal, a auto-observação e a autorreflexão:

A memória pessoal é uma potente ferramenta na pesquisa em educação uma vez que permite revisitar e compreender mais profundamente o próprio percurso acadêmico, as mudanças nos interesses e nas formas de perceber o ambiente institucional e social. Através desse resgate, torna-se possível refletir sobre a postura ético-política adotada, principalmente diante das experiências de resistência e afirmação de identidade em um espaço muitas vezes permeado por normatividades que desconsideram outras vivências.

A auto-observação integra a gravação de atividades para análise posterior, podendo ser em vídeo, áudio ou texto, assim oferecendo uma visão crítica dos próprios gestos e interações, com anotações imediatas sobre sentimentos e pensamentos durante e após as ações. Essa combinação permite ao pesquisador capturar reações autênticas e obter uma compreensão mais profunda de suas vivências acadêmicas.

Já na auto-reflexão sugere distanciar-se das práticas cotidianas para refletir sobre as experiências de maneira mais ampla, identificando padrões, emoções e respostas que se manifestam ao longo do tempo. Esse processo facilita a percepção de como as vivências acadêmicas, sociais e pessoais se entrelaçam, revelando padrões de enfrentamento, afirmação e o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Esses métodos permitem ao pesquisador examinar suas próprias vivências e emoções de forma sistemática, conectando-as com o contexto social e cultural mais amplo. A análise de artefatos pré-existentes como fotos, vídeos, desenhos, áudios, cartas e a realização de entrevistas autoetnográficas também são destacadas como ferramentas importantes para a construção de uma narrativa reflexiva e crítica que nos

permitem revisitar momentos que exemplifiquem teorias existentes e que discutam os impactos dessas experiências na vida pessoal e em sociedade.

Durante minhas andanças acadêmicas me vi diversas vezes perdido em como separar minha trajetória-vida da minha trajetória-pesquisador, me questionando sempre como poderia descolar a pele do corpo, as lembranças das reflexões e meu corpo gay marcado por tantas histórias que me fizeram chegar na escrita desse texto. E foi buscando rotas alternativas que pudessem me ajudar a produzir conhecimento que a autoetnografia se revelou como uma metodologia capaz de produzir conhecimento relevante e acessível, desafiando as formas canônicas de pesquisa acadêmica. Ao permitir que o pesquisador integre suas experiências pessoais à investigação, essa abordagem não apenas valoriza a subjetividade, mas a utiliza como uma ferramenta para questionar as narrativas hegemônicas e promover uma produção de conhecimento mais inclusiva.

Além disso, a autoetnografia oferece uma oportunidade única para explorar como as questões de identidade, sexualidade e resistência se manifestam no ambiente acadêmico. Ao relatar suas próprias vivências, o pesquisador contribui para o debate sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade nas universidades, reforçando a necessidade de criar espaços mais acolhedores e respeitosos para todos os sujeitos.

A autoetnográfico não apenas ilumina as trajetórias pessoais de pesquisadores, mas também evidencia como a academia pode ser transformada por meio da valorização dessas experiências. Ao adotar a autoetnografia como método, a pesquisa propõe uma forma de resistência à hegemonia acadêmica, oferecendo um caminho para a construção de um conhecimento mais engajado e politicamente posicionado.

Mobilizo a EscreVivência como gesto primeiro desta pesquisa. Conceito formulado por Conceição Evaristo (2007, 2020), a EscreVivência desloca a escrita do campo da norma e da técnica, situando-a como prática encarnada de memória, identidade, afeto e denúncia. Para Evaristo, escrever é ato de ancestralidade e insurgência, um gesto político que transforma dor em palavra e palavra em saber. Sua escrita-vida me acompanha como presença sussurrada, autorizando o vivido como teoria, o cotidiano como ciência.

Segundo Rosa, Dias e Givigi (2024), a EscreVivência “não apenas rompe com os protocolos da ciência normativa, mas também reencanta o ato de conhecer”. Para Rocha, Brito e Dias (2022), ela opera como uma epistemologia das margens,

deslocando a hierarquia entre teoria e experiência e afirmando o cotidiano como lugar de produção de pensamento.

No contexto desta pesquisa, a EscreVivência foi aplicada como:

- Dispositivo de escuta e escrita coletiva, ativado a partir das experiências partilhadas com três pessoas LGBTQIAPN+ que compõem meu bando na universidade e integram o grupo de pesquisa ConQueer. As trocas se deram por meio de cartas, textos e áudios que atravessam o cotidiano acadêmico, evocando memórias, afetos e feridas — compondo um “manual de sobrevivência acadêmica” narrado por corpos dissidentes;
- Ferramenta de construção de narrativas de vida e relatos afetivo-políticos, que emergem da fricção entre o vivido e o pensado, e que expressam os modos como os sujeitos tensionam normas cisheteronormativas, elaboram estratégias de resistência e (re)inventam formas outras de ser, estar e pesquisar na universidade;
- Prática ética de partilha e devolutiva, onde cada participante teve acesso ao material produzido e pôde comentar, alterar e reinscrever sua própria narrativa. Esse gesto reforça a dimensão coletiva e horizontal da produção de conhecimento, rompendo com hierarquias autorais e valorizando a escuta como parte do método.

A EscreVivência também se entrelaça à autoetnografia ao assumir que a experiência individual carrega dimensões coletivas e históricas. EscreVivenciar, neste projeto, é fazer do texto um lugar de existência e da escuta uma ferramenta de justiça.

As duas metodologias foram acionadas de forma combinada e complementar. A autoetnografia me permitiu investigar os atravessamentos pessoais e subjetivos que me constituem como pesquisador dissidente. Já a EscreVivência possibilitou criar narrativas compartilhadas, escritas a partir do encontro com outras vozes LGBTQIAPN+, especialmente no meu bando.

### ***Corpos que pesquisam: quem escreve***

Me reconheço como corpo dissidente que pesquisa, corpo que escreve, corpo que sente. Minha trajetória enquanto homem gay na graduação e no mestrado é parte constitutiva do corpus analítico desta dissertação. A auto-observação se faz por meio de escritas reflexivas, memórias reconstruídas, arquivos pessoais, relatos de experiências e registros afetivos como áudios, fotos e desenhos. O método aqui não me distancia da pesquisa, mas me reinscreve nela.

O processo de escrita vivenciada foi como vencer uma guerra contra as próprias crenças e aprendizados anteriores, trazendo como armas as ferramentas metodológicas que trouxeram significados a essas batalhas. As dificuldades da escrita, que por diversas vezes me fez parar e ter que adentrar meu baú no passado-presente, me fizeram entender quais entraves sentimentais estavam me parando e essas travas eram o processo de EscreVivência, assim como Evaristo (2020, p. 115) diz: “A literatura pode ser um lugar de expurgação pessoal e coletiva. Estamos aqui e escrevemos apesar de.”.

Foi acreditando na potência dessa metodologia tecida entre autoetnografias e EscreVivências que os períodos de dor na escrita foram também parte da construção dessa pesquisa viva. “Quando escrevo a memória da dor, não se trata de “mimimi”, não se trata de causar comiseração, se trata sim, de afirmar a nossa arte, a nossa potência, a nossa resistência, a nossa resiliência, o nosso quilombismo” (EVARISTO 2020, p. 115). Tudo aqui é pulsante. As dores e alegrias de se estar nessa pele, nesse corpo. Tudo aqui é feito em costuras de teias que vão e voltam, passado e presente se cruzaram e me fizeram aceitar que há feridas que sempre estarão ali como lembretes de não permitir que me sangrem de novo naqueles lugares, para que eu cuide dessas feridas e que permita também que os bandos sejam como curativos afetivos que ao permitir unir nossas ruínas, nossas quebras sejam espaços de força e resiliência.

### ***Acolhida das narrativas***

Dentro das possibilidades de pessoas para compor este bando, revisei meu baú de memórias, em comprometimento com a metodologia escolhida, buscando nas vivências, trocas, dobras e amassos, aquelas presenças que me ajudaram a resistir e existir. Escolhi três pessoas do grupo de pesquisa ConQueer, com quem partilho atravessamentos potentes: Eloah, uma travesti preta e não-binária; Hugo, um homem cisgay branco; e Thomas, um homem trans pardo. O critério de escolha se deu pela intensidade das trocas e pela vulnerabilidade compartilhada.

O convite para compor a pesquisa se deu através de uma carta-convite, elaborada e entregue em mãos, junto a um envelope vermelho contendo o resumo da pesquisa e adesivos com simbologias LGBTQIAPN+. Cada pessoa foi convidada a partilhar suas escrevivências acadêmicas, compondo o que chamei de "manual de sobrevivência acadêmica: uma escrita feita de nós". As respostas vieram em forma de textos autorais, enviados por WhatsApp em formato .doc.

A relação com os participantes seguiu como escrita coletiva e afetiva. Em resposta aos textos recebidos, enviei áudios com minhas impressões, que também foram transcritos de forma literal. Alguns participantes responderam aos áudios, que igualmente foram transcritos. Esse movimento de trocas vocais e escritas torna a construção de dados um gesto de aproximação, cuidado e resistência.

A minha própria autoentrevista se dá através da reflexão sistemática das experiências vividas, produzidas em linha do tempo que abrange minha formação na graduação e mestrado, organizadas com memórias que dialogam com meus posicionamentos políticos e epistemológicos. Uso fotos, registros de conversa com meu orientador, áudios de WhatsApp e registros de quando não conseguia escrever, mas precisava registrar as angústias vividas.

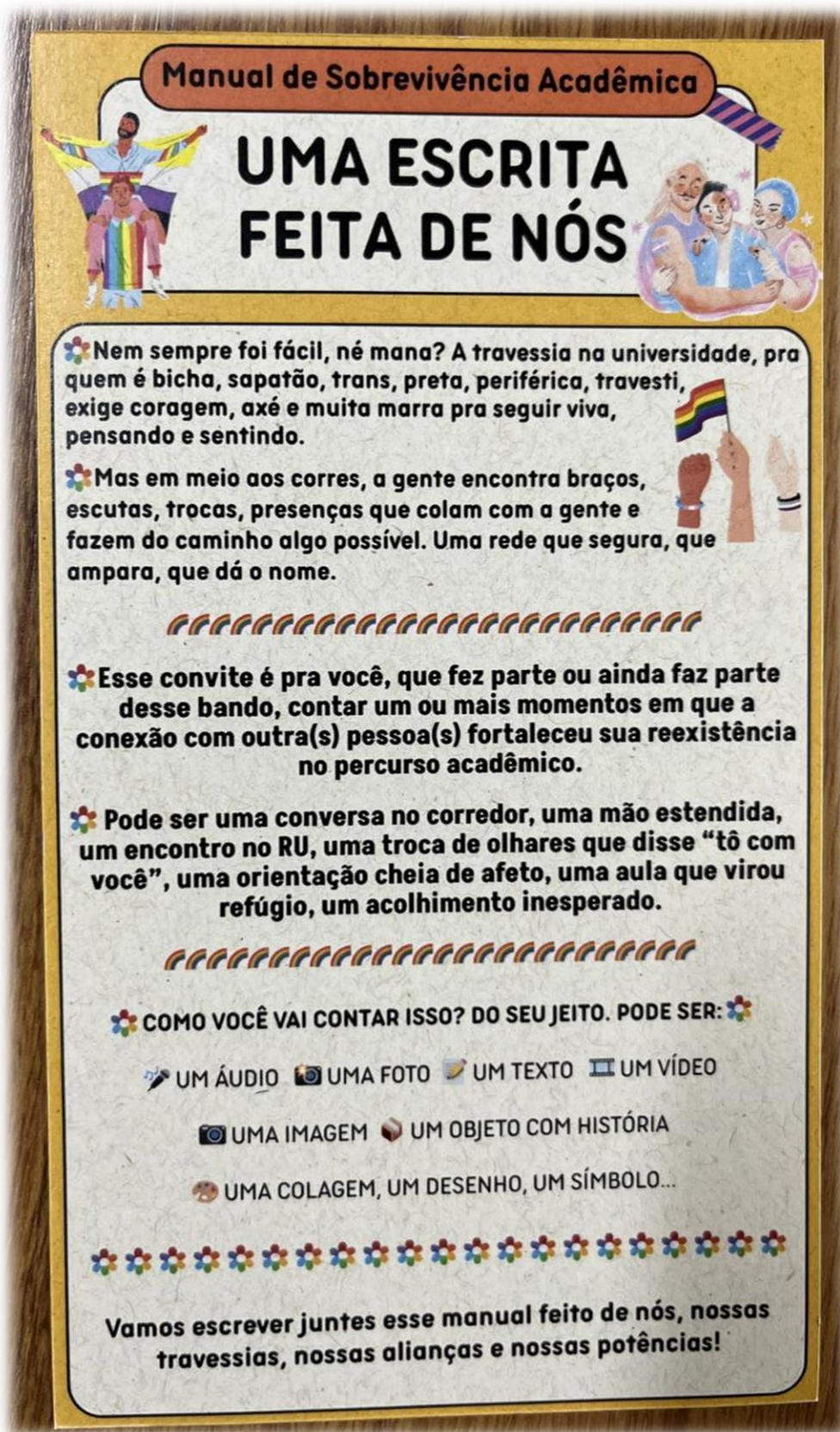
A seleção dos eventos narrados segue um critério que é ao mesmo tempo representativo, afetivo, teórico e aleatório. Eventos marcantes, dolorosos, de aprendizado, que ao se encontrarem com a teoria proposta, ilustram, provocam e expandem as reflexões. No caso das EscreVivências coletadas, as narrativas partem da ideia de que escrever é construir um guia de reexistência: que nossas histórias possam, ao serem lidas, salvar outros de nós.

Figura 6 – Carta-Convite ao Bando



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figura 7 – Convite



### ***Limitações e horizontes***

Assumir os riscos de uma metodologia insurgente é também um posicionamento ético e político frente às normas que historicamente governam o fazer científico. Ao optar por caminhos como a autoetnografia, a *EscreVivência* e outras formas narrativas de produção de conhecimento, coloco em xeque os critérios de neutralidade, objetividade e distanciamento impostos pelas metodologias de base positivista. Esses critérios, muitas vezes, silenciaram corpos dissidentes e suas experiências. Neste trabalho, assumo que o conhecimento nasce também da vida vivida, do corpo que sente, da escuta atravessada por afetos, recusando a ilusão de um pesquisador descolado do campo que investiga. É nesse movimento que aceito os riscos: ser lido como pouco científico, ser questionado quanto à validade, ser deslegitimado por não seguir os protocolos tradicionais e, ainda assim, seguir escrevendo com e a partir do meu corpo dissidente.

Não pretendo submeter esta pesquisa aos critérios de bancas que operam a partir de uma normatividade metodológica que deslegitima experiências dissidentes. Meu compromisso não é com a “cientificidade” que exclui, mas com formas outras de produção de conhecimento que acolham o vivido, o contraditório, o afetado e o insurgente. É a partir dessa ética que escrevo: não para agradar as regras do jogo acadêmico, mas para redesenhar as bordas do campo, abrindo espaço para que outros corpos, vozes e escritas possam existir sem pedir licença. Ou seja, em disputa.

Por se tratar de uma abordagem autoetnográfica e *EscreVivente*, esta pesquisa se ancora na subjetividade como campo de produção de saber. Assume, portanto, seus recortes e limites como parte da potência metodológica. Não se pretende generalizar experiências, mas visibilizar o que é sistematicamente silenciado. Esta dissertação é também um convite para que mais pesquisadores possam habitar suas próprias verdades e reexistir em bando, escrevendo outros mundos possíveis.

### ***Cuidados éticos***

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CAAE: 16234819.6.0000.5546), conforme Resolução CNS nº 510/2016, garantindo os princípios de consentimento livre e esclarecido, sigilo, não exposição indevida e respeito à dignidade das pessoas envolvidas.

Ao assumir uma posição ético-política comprometida com os fundamentos discutidos neste texto, foi acordado, coletivamente — como um bando — que, ao

aceitarem o convite para compor esta escrita, os participantes autorizariam a exposição de suas subjetividades e nomes de forma não anônima. Essa escolha visa garantir que a construção das narrativas seja visceral e realista, sem esconder detalhes ou sentimentos, mantendo a literalidade da escrita e a fidelidade aos caminhos que esta metodologia propõe.

Dessa forma, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo A), cada resposta ao convite reafirmou o compromisso com a escuta, o afeto e a corresponsabilidade na produção do conhecimento.

## **Narrar e EscreViver IV**

### **Uma Escrita de Nós: Travessias, Vozes e Encontros**

Há momentos em que a pesquisa deixa de ser tarefa solitária e se torna um gesto de bando. Este capítulo é um desses momentos.

Aqui, não trago apenas dados da pesquisa, mas registros vivos de encontros, dores, afetos e reexistências partilhadas com pessoas que caminharam comigo nos corredores, nas salas de aula e nos atravessamentos da pós-graduação. Este capítulo materializa a EscreVivência coletiva como partilha ética e política, reunindo narrativas enviadas por três integrantes do grupo de pesquisa ConQueer: Eloah, Hugo, e Thomas.

Esses nomes não são pseudônimos. São ditos e expostos com orgulho. Não por descuido ético, mas por escolha política: existimos, assinamos nossas dores e escrevemos nossas vidas como forma de reexistir. A escuta, nesta pesquisa, não é apenas técnica: é gesto. Por isso, a escrita das outras pessoas aqui presentes não foi captada por entrevistas frias ou questionários, mas convocada por uma carta-convite feita com afeto, cuidado e abertura, entregue em mãos a quem compõe o bando comigo.

Cada pessoa pôde responder em formato livre (textos, áudios, fragmentos, mensagens de texto) do jeito que o corpo pedisse. O que se inscreveu a partir disso é mais do que conteúdo: é comunhão, é (des)arquivo de afeto, é mandinga viva. Inspirado na pedagogia da encruzilhada proposta por Belijane Feitosa (2023), compreendo essa troca como um terreiro de saberes, onde o rito da escuta produz deslocamento, cura e reinvenção.

A escolha de não anonimizar os participantes está alinhada a esse gesto ético e metodológico. Como propõe Conceição Evaristo (2007; 2020), narrar é também um modo de existir. E aqui, escrevivemos em bando. Os relatos que seguem não pedem tradução científica para existirem: já carregam em si a legitimidade da experiência encarnada. Cada linha, cada pausa, cada silêncio partilhado carrega epistemologia.

Este capítulo, portanto, não apenas apresenta os resultados de uma investigação: ele performativiza a metodologia proposta nesta dissertação. Ele é corpo, é partilha, é caminho entre vozes que insistem em se manter acesas dentro da universidade.

#### ***Das minhas quebras com o bando***

Nem toda escuta começa com pergunta. Às vezes, ela nasce da quebra. Foi assim que surgiram as narrativas que compartilho neste capítulo: não como respostas a um roteiro, mas como ecos de afetos tecidos ao longo do percurso na pós-graduação. São

vozes que não surgem do acaso, mas de encontros forjados no cansaço, na partilha, no acolhimento e na dor de existir em espaços que insistem em nos calar.

O convite para narrar foi feito em forma de carta, como quem envia um bilhete de dentro da tempestade para alguém que já sabe das correntezas. Cada pessoa pôde responder como quisesse, no tempo que o corpo permitisse. Essa carta foi um convite para compor sobrevivências, diante das dificuldades que, como pessoas dissidentes, enfrentamos nos ambientes acadêmicos. As respostas vieram como sussurros e gritos, como feridas e curas, como fragmentos que, reunidos, não constroem uma unidade, mas revelam a força do bando na travessia. Como nos revela Jota Mombaça (2021), a quebra não precisa ser solitária e aqui ela reverbera como possibilidade de comunhão e reconstrução.

Essas EscreVivências não são falas ilustrativas de uma teoria: são teoria-vida. São epistemologias que se insurgem contra o silêncio acadêmico e que, ao serem acolhidas nesta dissertação, ampliam o campo da pesquisa para além do eu. Cada narrativa é também um gesto de confiança, uma entrega de si, uma fissura que se abre para dizer: “estamos aqui, mesmo quando querem nos deixar de fora”.

O que segue são as vozes do bando. Fragmentos de resistência, insubmissão e cuidado que se recusam a morrer na margem.

### **Eloah para Jonas - Audio 1**

*“Amigo, eu não sei se faz sentido pra você o que eu escrevi. Talvez seja um monte de bobagem, né? Eu fiz muito inspirada na minha entrada. Contando um pouco da trajetória que eu tô fazendo. Inclusive, inspirada muito no grupo do Conquer. Quando eu falo “grupo Conquer”, eu estou me referindo a vocês, né? A você, ao Thomas, à Day, ao Hugo, ao Fabis. Entendeu? E sobre essa partilha mesmo de si, de me sentir confortável. Não é que eu tenha tirado as partes ruins, mas que, é, eu acho que eu já vivi tanta coisa, né, na minha graduação, que hoje eu me sinto realmente confortável em estar com vocês, em vestir o que eu quiser e em performar a minha identidade sem precisar provar nada, né? Então não sei se saiu na perspectiva que você quer, não sei se ficou do jeito que você queria ou que, né, que talvez te sirva, mas foi o que eu consegui fazer, tá bom? Se caso tiver mais alguma coisa que eu possa ajudar ou algo do tipo, eu tô por aqui, tá bem?”*

## **Resposta ao convite - Eloah**

### ***sem nome, com endereço***

Começar o mestrado não foi apenas um passo acadêmico, foi um rito de passagem. Um atravessamento. Um reencantamento. Adentrar a pós-graduação foi, para mim, um movimento de corpo inteiro, um gesto político de persistência e de esperança. Logo nos primeiros encontros, percebi que ali, naquele espaço que muitas vezes nos disseram que não era nosso, algo de extraordinário se desdobrava: corpos trans, travestis, bichas, sapatonas, pessoas racializadas, indígenas, periféricas, dissidentes vivas e vibrantes estavam ali comigo, ocupando cadeiras, formulando questões, sustentando olhares e palavras que sempre foram silenciadas.

Não era só um grupo de estudos ou uma sala de aula. Era um território ético-político, um chão partilhado por subjetividades que ousaram existir para além das normas. Eu me vi entre iguais e, ao mesmo tempo, me vi sendo transformada por cada encontro. Cada troca, cada texto debatido, cada silêncio compartilhado, carregava a densidade de vidas que desafiaram as estatísticas, que fizeram do saber um lugar de refúgio, denúncia e criação.

Ali, aprendi e sigo aprendendo que produzir conhecimento é também um ato de cuidado e de enfrentamento. Que escrever não é neutro. Que pesquisar a comunidade LGBTQIAPN+ não é um exercício de distanciamento, mas de comprometimento. Meus pares são pessoas que vivem suas pesquisas na pele, nos afetos, nos corpos marcados pela dor e pelo prazer de existir fora da norma. São pessoas que transformam suas vivências em teorias vivas, insurgentes e enraizadas na realidade.

Me encantei, sobretudo, pela radicalidade dos afetos. Pela ternura como prática política. Pela escuta como forma de presença. Pela amizade como gesto de resistência. E foi assim que percebi: eu não estava só. Não sou exceção. Somos um coletivo em movimento, uma constelação de narrativas que se entrelaçam para construir outros futuros possíveis.

Essa transcrevivência não é só minha. É nossa. É da coletividade que me acolheu, me desafiou e me ensinou a pensar com o corpo inteiro. Começar o mestrado foi, para mim, começar a escrever uma história que já estava sendo escrita por muitas outras mãos antes de mim, mãos trans, travestis, negras, indígenas, queer, corpos que dançam e desobedecem.

O simples uso do banheiro em companhia das minhas e dos meus me geram segurança e conforto, outrora negados em espaços públicos que deveriam a mim pertecer. Hoje, fazendo parte do grupo de pesquisa CONQUEER, sinto-me recarregada e munida de histórias outras e berros que ecoam meu ser.

É nesse chão que quero caminhar. É com essas pessoas que quero seguir: criando políticas, construindo saberes, plantando mundos.

## **Jonas para Eloah - Audio 2**

*Eu acabei de ler, me arrepiando em cada parágrafo. Que coisa linda! Ah, emocionante. Fico muito feliz em ler — não só as histórias da vida, mas sobre os momentos, como eles modificam o nosso olhar sobre as coisas, né? Eu sou muito atento a isso e acho que o motivo de você estar escrevendo sobre isso, e querer fazer essa escrita dessa forma, é justamente por isso. Porque eu sei o tanto de emoção — de todas as formas, positivas, negativas e também emoções neutras — que acontecem em ritos de passagem. E, quando a gente percebe que algumas coisas são ritos de passagem, elas se tornam muito ricas, né? Cheias de tudo. Tudo é muito bem vivido, muito vívido também.*

*E, ai, amei. Amei saber isso de você. Eu não sabia, por exemplo, que entrar no mestrado, pra você, foi algo que modificou o seu olhar sobre as coisas. E é muito diferente, né? Porque, pra mim, o contato inicial foi um choque — e negativo. Mas depois, eu acho que foi mais o contato com o ConQueer que modificou a minha visão sobre as coisas, sabe? É, porque eu já estive com pessoas diferentes muito tempo, muito diferentes de mim, mas eu nunca estive com pessoas parecidas comigo e diferentes ao mesmo tempo, sabe? Então, isso é chocante às vezes.*

*E adorei a sua escrita, tá ótima! Eu não tenho o que dizer — se está como eu queria ou não está — porque não tem isso, sabe? É mesmo subjetivo, muito natural, é muito rasgativo, o que eu queria que surgisse. E o rasgativo, ele não tem uma forma, né? Ele não tem começo, meio e fim. Ele não tem um roteiro. Acho que é isso. E eu não quero roteiro, sabe? Eu quero subjetividade mesmo. Eu quero como você fez, como você é. Ficou ótimo! Nem é sobre o meu querer, inclusive. É sobre o que você tem a dizer. E essa é a importância nisso tudo.*

*Quando eu li esse seu texto, eu vinha pensando em várias coisas — tanto que eu vivi, tanto que teóricos falam sobre tudo isso. Inclusive sobre esse exercício que a gente faz de comprometimento com os estudos LGBTQIAPN+. A gente sai, de fato, se*

*afasta de um padrão — que é muito mais extenso e generalizado — e vai pra um lugar que aparentemente é à distância, mas não é. É muito mais comprometimento pra que aquilo se torne visto, que aquilo ocupe, né? Que ocupe os debates, que ocupe as mesas, que ocupe os congressos, que ocupe as salas de aula, que ocupe os discursos, que ocupe todas as temáticas. E isso é importante. É isso que a gente tá fazendo, né? Quando a gente traz esses textos pra fora, a gente tá dando munição pra que outras pessoas utilizem isso em seus momentos de troca e partilha.*

*Falei muito, né? Nossa, eu nunca falei um áudio tão longo. Mas muito obrigado. Tô muito feliz. Muito, muito feliz.*

*E feliz em saber que faço parte disso, sabe? Porque também faz muito parte pra mim. É muito doido, porque acho que tem um ano, né? E, nesse um ano que a gente se conheceu, que a gente foi trocando, eu acho que existia um caminho de subida, sabe? Subida ao monte kkkkkk. Acho que todos nós subimos ao monte em algum período desse mestrado. E essa subida ao monte, ela deixou de ser sozinha e passou a ser coletiva, sabe?*

*E acabei de pensar nisso — nessa criação de monte — como a graduação: ela é uma subida ao monte, sabe? A gente tá subindo a um lugar onde vai trazer luz a um estudo, e a gente vai também estar à luz, né? Com o nosso estudo. E o monte serve pra isso: pra que a gente consiga se afastar, mas que a gente também esteja em contato com o pessoal, o íntimo, né?*

*E ressignificar essa subida ao monte é muito fantástico, porque quem sobe o monte, sobe para se recolher sozinho — e a gente tá subindo o monte juntos, né? Dividindo coisas, subindo juntos, dando força um ao outro. E isso faz com que o monte esteja mais próximo... e menos solitário.*

## **Eloah para Jonas – Áudio 2**

*“Eu acho que é muito isso, amigo. Às vezes eu vivo muitos altos e baixos, né? E nisso eu falo como um todo: de vivências, de trocas, de partilhas, de começos, de finalizações também, de ciclos. E a minha graduação foi muito solitária, né? Quando eu falo muito solitária, é no sentido de encontrar as minhas iguais, encontrar os meus iguais. Como eu falo — inclusive, eu trago isso muito no meu TCC — que de 2017, que foi quando eu entrei, até mais ou menos ali em 2021, eu estive sozinha dentro da*

universidade. Como um corpo travesti, e como uma pessoa que se identificava e vivia isso. Vivia a minha identidade.

E era muito complexo, porque assim, eu tinha amizades, né? Cisgênero, essas heteronormativas, que estavam comigo, que colaboravam e tudo mais. Me ajudaram muitas vezes, por exemplo, na entrada de um banheiro — onde eu não entrava sozinha. Então tinha as meninas ali, e elas entravam comigo pra eu não me sentir só. Mas... que não era o tempo todo. E também, elas não tinham como saber como era a minha vivência. A experiência de ser eu, sabe? Ter noção das dificuldades que eu passava.

E aí, é muito complexo. Eu tentei, pensei em desistir várias vezes, sabe? Esses dias, eu cheguei no DED — que é o departamento de Educação daqui de Itabaiana — e foi um local em que eu tive muito afeto. Encontrei muitos afetos ali: abraços de professoras, professores, pessoas com quem fiz amizades... O próprio secretário do DED, eu fiz amizade com ele. Eu ia tomar café toda noite, praticamente. Até hoje eu faço esse rito. Sempre que eu tô por aqui, sempre que dá, eu dou uma passadinha lá, fico conversando com eles, vejo o pessoal.

E aí eu fui lá contar, né? Aproveitei que eu ia fazer um minicurso no encontro que teve, e contei sobre o intercâmbio. O nome dele é Marcos. Ele pegou e falou: “Nossa, Eloah, quem diria, né?” Me parabenizou e tal. “Quem diria que, no finalzinho ali, na reta final, você queria desistir do curso, né? Você pensou em não dar continuidade por causa das diversas lutas que você tava enfrentando. Mas você tá aí agora, eu fico muito feliz.”

Então assim, isso me trouxe muito pra realidade, sabe? No sentido de: porra, realmente, se eu não tivesse dado continuidade, eu não estaria vivendo o mestrado. Como muitas vezes eu pensei em não tentar, inclusive, essa seleção. Ficar com medo mesmo, medo de entrar e pensava: “Ai, eu não vou dar conta da pesquisa. Eu não vou dar conta da minha escrita. Minha escrita não é tão potente, sabe? A minha pesquisa talvez não seja tão legal. Talvez eu não dê conta de passar pelos processos, de vivenciar algumas coisas.”

E, óbvio, como eu disse: não vou tirar as partes ruins. Não vou tirar. Não vou dizer que não é difícil, sabe, Jonas?

Mas é como eu até contei: nossa, entrar e, por exemplo, ter a tranquilidade de entrar num banheiro — que é algo muito simples, né? Mas, na pós, ter a tranquilidade de entrar no banheiro, pra mim, é muito tranquilo, sabe? Eu não tenho medo. Eu não tenho receio. Eu tô ali no PPGED (Programa de Pós Graduação em Educação da

UFS), eu vou no banheiro e, pra mim, não tem problema. Até então, não passei por nenhuma angústia, sabe? Nenhuma problemática. E isso tem sido muito bom, né? Isso tem sido muito bom.

Então assim, esse fortalecimento é inclusive graças ao grupo. Porque eu também era engessada em muita coisa, né? Eu era muito — acho que — eurocentrada, sabe? E muito recatadinha, muito higienizada mesmo pela criação e de estar, às vezes, em outros ambientes.

E quando a gente se encontra entre os nossos iguais — que são diferentes também — a gente começa a ter outras percepções. E aí a gente começa realmente a perceber que o sujo não é ruim, né? E que a gente não precisa estar higienizada. E que as nossas pesquisas, elas são válidas. Os nossos ideais são válidos. As nossas identidades são válidas.

Então, assim, é isso, sabe? Eu me encontrei e tenho me encontrado, né? Tenho partido desse local de sair dessa higienização, de sair desse padrão, de sair desse engessamento, de sair desse quadradinho que me colocaram, sabe? Pra ir vivenciar outras experiências, outras coisas. Estar também, e aprender, né? Com os meus, com as minhas...

E de poder fazer mesmo, né? Alguma diferença — se é que a gente vai fazer ou se é que a gente faz. Mas tá tudo bem também. Porque é muito válido a gente também se acolher, sabe? A gente também ser sensível com o que a gente faz, com o que a gente é.”

## **Jonas para Eloah – Áudio 2**

Amiga, tava aqui ouvindo seu áudio e fiquei pensando como a graduação, ela é um ambiente que dá medo, né? A gente vivia situações de discriminação, de violência fora da universidade... A gente sabia que lá também a gente podia viver, né? Que entrar na graduação não ia acabar com isso — ia, muitas vezes, aumentar a quantidade de possibilidades em que a gente poderia passar por violência.

E é sempre esse medo, né? Sempre esse medo. E que bom que você não desistiu, sabe? E que bom que eu não desisti. Que bom que não desistimo!

Eu tava vendo um texto de Belijane esses dias atrás, em que ela falava da universidade como um território de cura. E faz muito sentido, sabe? Quando eu penso

*na pós-graduação também, agora, depois de viver tudo isso, sabe? Se encaminhando pro final...*

*Porque quando a gente encontra outras pessoas que dividem — eu não digo pensamentos, mas eu digo também vontades como as nossas — de fazer com que a universidade seja um lugar mais plural e que valorize também outras vozes, que não são, necessariamente, as vozes que a universidade quer ouvir... Isso vai curando a gente.*

*Quando a gente encontra essas pessoas, a gente consegue compartilhar. E, nesse compartilhamento, a gente acaba ultrapassando essas fronteiras que a gente já trazia com a gente, né? Essas fronteiras reais do medo...*

*E que, em contato com outras pessoas como a gente — que também nem são tão como a gente assim — mas que olham o mundo como a gente olha, a gente acaba também se curando.*

*Entendendo que aquele ambiente não precisa trazer tanto medo. Que a gente consegue passar por ele e ser visto nele. E ser respeitado nele, né?*

*E que também a nossa história está ali dentro, como todas as outras. Que ela é importante tanto quanto a dos outros. Porque a gente também teve as nossas dificuldades pra estar ali. E a gente merece estar ali, né?*

*Tô muito feliz. Obrigado por participar comigo disso. Obrigado por me apoiar. Tô feliz demais. Muito obrigado. Espero poder continuar trocando com você.*

### **Resposta ao convite - Thomas**

***escrever pontes, desenhar outros mundos, viver encontros***

*thomas cardoso*

*às vezes eu me pego encarando a folha em branco: o que pode a escrita? eu ainda não sei.*

*o que é possível fazer quando tudo ao redor parece ruir, e ainda assim há papel, há palavras, há alguma vontade de seguir escrevendo?*

*a folha em branco não responde.*

*mas ela escuta.*

*e enquanto eu ainda encaro a folha em branco, o mundo tá gritando dentro do meu silêncio: TV ligada, transmite o julgamento do golpe fracassado de Bolsonaro e seus cúmplices. as manchetes anunciam o avanço do colapso climático. Greta tenta atravessar fronteiras para alcançar Gaza. mais uma notícia de transfobia. mais uma ausência que dói muito, a saudade do meu amigo Kim, que já não está aqui. é tudo e nada ao mesmo tempo.*

*o que me salva nesses tempos difíceis?*

*em tempos de tonturas e deslocamentos são os encontros, as pessoas, os amigos, as leituras, as escutas, o amor e o silêncio.*

*eu estava escutando (lendo) a professora doutora abigail Campos Leal, em sua obra ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero, e ela diz:*

*Não se pensa só. Não se escreve só. e/u mesma já sou várias! (Leal, p. 22, 2021)*

*a professora abigail tem me ensinado tanto nesses nossos encontros, e quando ouço sua escrita, sinto as vozes de quem chama para fugir junto.*

*para desertar o isolamento.*

*para assumir as muitas vozes que falam em nós.*

*abigail continua:*

*me junto a muitas outras (em mim, inclusive) para pensar, escrever y criar. é preciso desertar o isolamento. e/u me junto às condenadas: as que se foram, as que ocuparam a materialidade desse mundo y as que seguem povoando o deserto da presença y do presente. muitas vozes falam através de m/im y muitas mãos assinam esses textos. meu nome é quilombo, porque mais de uma vez, fugimos da aniquilação colonial. (Leal, p. 22, 2021)*

*eu também fujo.*

*mas fujo com gente, com a minha gente.*

*e escrevo com ela, na esperança de escrever as outras.*

*e nessa escrita, ou fuga, eu permaneço.*

*eu me apego as palavras sopradas em gritos de abigail, ou como diria a Carta de Amor de Maria Bethânia, não mexe comigo, que eu não ando só. Eu não ando só. Eu não só.*

*quando eu recebi o convite do Jonas para falar sobre as experiências e momentos em que as conexões me fortaleceram na reexistência dentro do percurso acadêmico, imediatamente me vieram à mente os encontros. tenho tentado escrever sobre esses feitiços na tese.*

*seria possível escrever uma ponte? seria possível escrever uma ponte dos meus encontros na tese, com os meus encontros aqui?*

uma ponte entre os encontros que me atravessaram lá, que me fazem travessias, entre páginas, vozes, des\_arquivos (Santos, 2025) e presenças, e os encontros que me atravessam aqui, neste agora?

não sei exatamente como construir essa ponte, mas talvez ela já exista, não como estrutura pronta, mas como travessia em aberto. talvez a ponte seja o próprio movimento de errar, vagar, perder-se e,

ainda assim seguir.

como disse abigail:

*tomo, aqui, espaço para experimentar, porque a travessia não é, de modo algum, um processo fácil, simples. Atravessar é antes, errar, vagar, perder-se e, por fim, é também uma forma de conseguir tornar habitável essa errância, fazer da der-rota uma de-morada. (Leal, p. 115, 2021)*

talvez sim. talvez os encontros e as escritas sejam também isso: lançar pontes sobre abismos de tempo, sobre silêncios e ausências, entre o que já passou e o que ainda pulsa.

encontrar é escrever memórias, e aqui eu estou falando dessas letras no papel, tô falando daquilo que é escrito com outros sentidos, o

sentir do carinho, cuidado e afeto ou não pode ser nada disso, os encontros também envolvem outros sentimentos que não são tão bons. tentando responder a provocação de Jonas, eu acho que essas minhas travessias vividas nesse período de formação acadêmica me permitiram doces encontros e uns nem tanto. no começo das travessias do mestrado, alguns desses encontros me salvaram. me salvaram inclusive de mim. a gente sempre ouve o quanto os espaços acadêmicos são inóspitos, as disputas pelos melhores trabalhos, pelas melhores publicações, um monte de coisa, e é verdade.

mas eu fui salvo, por pessoas que leram o meu trabalho e sentaram para conversar comigo, e o mais importante, me ouvir, gente que chamou para fazer críticas em off, sem me expor. gente que me deu sacode. pessoas que se importaram sem interesse.

a vida acadêmica não é só o que produz!

o que você produz faz parte desse processo de travessia. nos encontros eu aprendi sobre outras maneiras de partilhar, ninguém segura uma pesquisa sozinho, até pode. Mas existe uma enorme diferença entre caminhar e caminhar junto.

caminhar junto é, muitas vezes, o que sustenta a travessia.

é no encontro com o outro, nas pausas para o café, nos áudios trocados para atualizar as fofocas, nas perguntas que ninguém responde direito, nos almoços em frente a universidade, num lanche

que alguém traz de casa para dividir, numa ligação, que as memórias e as pontes se constroem.

porque ninguém atravessa os desertos sozinho. e se atravessa, não volta o mesmo.

por isso eu quero continuar escrevendo minhas pontes, construindo meus des\_arquivos (Santos, 2025) e tentando não esquecer que, antes de tudo, estamos aqui pra viver e quem sabe, no meio disso tudo, re\_inventar outras formas de existir e resistir, com afeto, com crítica, com festa, e com os encontros que nos fazem ficar.

os encontros que vivi, com arquivos, pessoas, histórias e afetos

não me ofereceram certezas,

mas me deram força.

forças de presenças múltiplas:

gente que chegou antes de mim, que caminha comigo,

que soprou palavras quando eu só ouvia ruído.

a ponte que escrevo agora se sustenta nas vigas da

amizade, escuta, partilha, coragem.

Ela se faz quando alguém oferece escuta,

quando um texto nos atravessa como uma flecha,

quando a solidão cede lugar a um “eu também”.

e mesmo quando tudo gira, como nas manhãs de notícias duras,

há essas margens onde a gente ancora.

*Talvez seja isso que me salva. Talvez seja isso que seja “Uma escrita de nós” como sugeriu Jonas.*

### **Resposta ao convite - Hugo**

#### ***educação: nossas batalhas de paixão, dor e poesia***

Penso que nossas travessias LGBTQIAPN+ na educação são batalhas: um misto de paixão, dor e poesia. Queremos sonhar. Um sonho: é nisso que pensamos. É idealista sonhar e até mesmo acreditar em um mundo melhor? Em uma educação repleta de afetos e comunhão? Felizes para sempre... No início, sim, para começar a falar sobre meu percurso acadêmico, meu era uma vez... Começo pelo meu percurso na escola. Foi um pouco cansativo esse caminho. Quando a gente começa a andar, a escola é tranquila — é a mão da minha mãe segurando forte a minha pequena mão. Ainda consigo sentir aquela corrente de vida me levando para o colégio azul. Mas, ao longo da caminhada, surge o primeiro medo, o primeiro dedo apontado. Enquanto pego na mão da minha mãe, digo: Mãe, meus colegas falam que sou diferente. Um por um, os sonhos voam. Minha mãe aperta mais forte minha mão e responde: Meu filho, todo mundo é diferente. Seus coleguinhas ainda não sabem disso. E aí os sonhos voltam, todos em bandos. Que sorte foi ter tido alguém para uma próxima revoada. Nossas travessias exigem coragem, e que bom quando se tem abraços e trocas.

Crescer sendo menino afeminado, que gostava de desenhar, dentro da escola é, muitas vezes, como caminhar em um rochedo: a qualquer passo, podemos cair em um olhar atravessado, uma risada velada, um comentário que nos silencia, uma agressão que nos fere. Mas, apesar de tudo, seguimos. E há sobreposições nesse seguir, pois vamos encontrando, no meio do caos, pessoas que nos reconhecem, que nos acolhem com olhos de quem também sonha. Pequenas revoluções nasceram desses gestos. No Ensino Médio, a educação vira espaço de confronto e também de descoberta. Foi ali que aprendi que aprender é também lutar. Lutar para existir, para ser ouvido, para transformar. A sala de aula virou, para mim, não apenas um lugar de conteúdo, mas um território de possibilidades — onde corpos outros podem não só aprender, mas também resistir e florescer. Meu era uma vez, mais uma vez, estava sendo reescrito.

Carrego comigo as marcas, mas também os afetos que encontrei naquele caminho! Acredito numa educação que abrace, que questione, que se pinte com todas

as cores da diversidade. Porque, no fim, o que a gente mais deseja é ser amado por inteiro — e quem dera que a escola fosse esse lugar. Mas ela é. Queremos sonhar!

Por isso, sigo. E o meu era uma vez, o meu caminho, foi para a Universidade, para a Graduação, para o Mestrado. Que aventura! Nessa história, nesse capítulo, tive a clareza e a certeza de que nossas travessias têm valor. Que nossas vozes merecem eco. Que cada história LGBTQIAPN+ na educação é uma semente de mudança, mesmo com nossos caminhos de paixão, dor e poesia. Me reencantei com o sonho — aquele sonho que insistimos em sonhar, mesmo quando o mundo tenta apagar nossas cores, nossas vozes, o nosso era uma vez.

Os rochedos ainda continuam nesse caminho. Estão nos professores, nos colegas, nas paredes e nas carteiras. Mas encontramos, pelo menos, encontrei, e espero que os meus também encontrem! Conforto em bandos! Nos corredores da UFS percebi que resistir também é uma forma de produzir conhecimento. Não bastava estar ali: era preciso ocupar, mesmo que entre batalhas; questionar, mesmo que entre lágrimas; propor outras formas de ensinar e de aprender, mesmo sendo ignorado. Cada semestre, cada texto lido, cada silêncio enfrentado se torna, talvez, ferramenta de luta. Me vi conhecendo a mim mesmo, aos meus, às nossas histórias tantas vezes apagadas, mutiladas, assassinadas, estigmatizadas... Foi no Curso de Artes Visuais que entendi que a produção de saber pode ter cores, afetos e identidades.

Encontrei aliados. Colegas que também me deram a mão, abriram caminhos, falas, sonhos. Outros, infelizmente, se fecharam em preconceito, meias verdades e normas. Ainda assim, seguimos... Queremos sonhar. Porque, em cada sala onde hoje passo, desenho, falo, canto e existo com a liberdade que os meus me proporcionaram. Entendendo que o espaço do saber também pode ser solo fértil para vínculos que nascem nas brechas.

Não caminhei só. Houve mãos, olhares, ombros. Houve pausas para respirar, lágrimas para compartilhar e reencontros para continuar. E sigo sonhando, querendo sonhar! Porque é no sonho que nos fortalecemos. Na delicadeza do acreditar — na educação, nos nossos e num mundo melhor. Sonhar é subversivo. Sonhar é nosso direito! Espero, com todo o coração, que os nossos que atravessarem os corredores depois de mim encontrem salas mais leves, caminhos mais floridos. Que seus era uma vez não precisem começar com dor, mas com abraços. E se for idealismo? Queremos sonhar juntos.

## Jonas para Hugo – Áudio 1

*Amigo, boa noite, tudo bem? Espero que sim.*

*Eu acabei de ler seu texto e vim agradecer você. Agradecer por ter me ajudado com esse percurso, agradecer por ter me ajudado nessa escrita... que é feita de nós. Sobre nós. E fico feliz que chegar até aqui não foi sozinho. Chegar até aqui, como eu já escrevo desde o início, não foi só — mas foi em bando desde sempre.*

*E muito feliz, sabe? De poder partilhar isso com você.*

*Hugo, também queria dividir com você que, na escola, eu também era a criança viada que gostava de desenhar. Eu desenhava vestidos, chamava eles de croquis, e ainda me sentia estilista, viu? Eu achava que eu dava jeito.*

*Desenhar e estudar eram as minhas armas pra conter o meu jeito, que fazia os meninos e as meninas me chamarem de viado ainda cedo na escola. Eu só me sentia protegido com as boas notas. Era viadinho, mas era um viadinho nota dez.*

*Também sempre sonhei com um espaço onde eu pudesse estudar sem medo de ser quem eu sou. Sempre sonhei com a possibilidade de estudar pelo prazer de aprender — eu gostava de aprender. E não somente por enxergar a educação como um caminho pra vencer.*

*Quando, na graduação, eu vi isso se repetir, isso sendo tirado de mim, porque eu não era um deles, eu não me encaixava... eu perdi as esperanças. Perdi as esperanças no que eu tava vivendo ali, sabe? Eu sofri muito até sentir que podia fazer parte desse sonho.*

*Demorou muito... e eu desacreditei também, sabe? Como queriam que fosse desde o início, né?*

*Mas, nesse percurso, eu também descobri flores, sabe?*

*E essas flores têm o cheiro de esperança. Esperança de que a educação podia me salvar. Não somente pelo conhecimento, mas pelas trocas que a educação me permitiu.*

*Na pós, eu pude descobrir — e descobri em bando — que tirar o peso de ser quem eu sou ia me fazer enxergar tudo isso com mais alegria. Que eu não precisava ser nota dez o tempo todo pra me sentir feliz, sabe?*

*Eu descobri, na pós, que eu podia sonhar sendo viado. Que eu podia sonhar com a educação sendo viado. E eu fiquei muito feliz em descobrir isso, em contato com as pessoas com quem eu estava lá, sabe?*

*É isso. Muito obrigado por essa troca. Muito obrigado por fazer parte disso comigo.*

Escrevivenciar de nós, portanto, é politizar a vida. É escrever com o corpo que sente, que sofre, que celebra e que resiste. É fazer da escuta atenta um campo de produção de saber, e da experiência marginalizada uma plataforma epistêmica. Nessa concepção, nossa voz deixa de ser mera representação da realidade e passa a ser lugar de existência, de reexistência e de justiça.

É nesse movimento que esta pesquisa se inscreve: não como observadora externa, mas como corpo implicado no campo, afetado e em risco, na escuta e na partilha. A metodologia aqui não se limita à análise, mas se torna parte da própria escrita.

Como nos ensina Belijane (2023), é preciso transformar os espaços acadêmicos em encruzilhadas de mandinga e cura, e foi exatamente isso que vivemos aqui: uma dança no chão nordestino, feita de corpos sem juízo, afetos, desobediência e epistemologias que nascem da dor, mas se recusam a morrer nela.

## **Narrar e EscreViver V** **Sem fim**

*Esse meu texto não precisa fazer tanto sentido.*

*Ele esteve cheio de sentimento.*

*Cheio de afeto.*

*Cheio de história.*

*Então, não tem fim.*

*Minhas quebras são carregadas de significados.*

*De sentido.*

*EscreViver de nós foi com muita emoção.*

*Enquanto eu lia, eu ficava pensando na pergunta que Thomas me fez no início sobre o que pode a escrita.*

*De fato, eu ainda não sei tudo que a escrita pode, mas eu descobri que a escrita tem me permitido nomear os afetos*

*Nomear o que me afeta.*

*Sentir.*

*Viver.*

*Criar comunidades que, através da escrita, se aquilombam na universidade.*

*É, eu vejo e sinto.*

*O Cuir como um grande terreiro para isso.*

*Um terreiro de afetos.*

*Onde os nossos encontros emergem não somente novos saberes, mas afetos.*

*Esse texto que a gente escreveu junto é fruto disso.*

*É fruto desses encontros epistêmicos, porque não chamar assim.*

*Com as nossas dores, nossas alegrias, nossas angústias, nossas formas de olhar.*

*Esse fruto também, faz curar e romper barreiras.*

*Esse seria o que a escrita em bando pode.*

*A escrita pode romper tudo.*

*Derrubar muros*

*Criar pontes.*

*Pontes que tanto nos conectam, quanto nos devolvem tudo aquilo que tiraram da gente.*

*Se encaixar em modelos fixos era difícil.*

*As pontes, Thomas, podem nos conectar, juntar, ligar.*

*Ampliam nossas formas outras de aprender.  
Podem potencializar nossa sobrevivência.  
Com as pontes podemos sobreviver juntos.  
Ler essas respostas me humanizou.  
A escrita de nós tem esse poder.  
De nos colocar de pés no chão.  
De curar.  
Muito obrigado pela partilha!*

## Referências

ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. **Manual de comunicação GayLatino: guia para comunicadores sobre diversidade sexual e de gênero**. 5. ed. [S. l.]: GayLatino, 2021. Disponível em: <https://aliancalgbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2021-WEB.pdf>. Acesso em: 11/03/2025.

ALVARES, Leonardo Azevedo Mobilia. **Análise comparativa das adaptações fisiológicas ao esforço físico em mulheres transgênero em terapia estrogênica de longa duração e em mulheres e homens cisgênero**. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5166/tde-18042023-163159/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BARRETO, Danielle Jardim et al. AS VIOLÊNCIAS (IN) VISÍVEIS SOFRIDAS PELOS HOMOSSEXUAIS NAS RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS. **Educere-Revista da Educação da UNIPAR**, v. 19, n. 2, 2019.

BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, jan. 2002.

BORGES, Gustavo Silveira; ASSINK, Valéria Vieira; BORGES, Dienifer Padilha. **Mulheres trans vs. cis em competições esportivas: uma análise à luz dos direitos humanos**. *Revista Direitos Humanos Fundamentais*, Osasco, v. 19, n. 1, p. 101-116, jan.-jun. 2019. DOI: 10.36751/rdh.v19i1.1347

**BRASIL DE DIREITOS**. O que é LGBTfobia? Conheça os números do fenômeno no Brasil. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/o-que-lgbt-fobia-conheca-os-numeros-do-fenomeno-no-brasil/#:~:text=Desde%202019%2C%20a%20LGBTfobia%20%C3%A9,equiparado%20ao%20crime%20de%20racismo..> Acesso em: 11 mar. 2025.

BRASIL, Linda. **O Estado impediu uma menina trans de participar dos Jogos da Primavera**. *Assembleia Legislativa de Sergipe*, 24 jul. 2024. Disponível em: <https://al.se.leg.br/o-estado-impediu-uma-menina-trans-de-participar-dos-jogos-da-primavera-isso-e-transfobia-denuncia-linda-brasil/>. Acesso em: 25 jul. 2024

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Organiza as bases da educação nacional**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm). Acesso em: 1 ago. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASSANA, Mônica Ferreira; ROSA, Bruno Rosa da; BOLSAN, Gilmar Júnior Ferraz. **Homossexualidades em discurso: o silêncio como causa do apagamento de grupos sociais**. *Travessias*, Cascavel, v. 12, n. 4, p. 105-118, dez. 2018. ISSN 1982-5935. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/20929/13707>. Acesso em: 19 jun. 2021.

CONEXÃO UFRJ. **Transgêneros nos esportes**. 2022. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/07/transgeneros-nos-esportes/>. Acesso em: 30 mai. 2024.

CONFEEF. **Resolução CONFEEF nº 508/2023. Conselho Federal de Educação Física**. Rio de Janeiro. 2023. Disponível em: <https://www.confef.org.br/confefv2/resolucoes/592>. Acessado em: 24 de jul. de 2024

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 1995. 295 p. Disponível em: [https://lulfmilv.files/2020/Connell\\_Masculinities.pdf](https://lulfmilv.files/2020/Connell_Masculinities.pdf). Acesso em: 10 jul. 2025.

DIAS, A. F. Investigações-vidas em educação. In: Elizeu Clementino de Souza; Ana Chrystina Mignot; Paula Perin Vicentini. (Org.). **Narrativas e corpos em trânsito: resistências e insubordinações**. 1ed.Curitiba: CRV, 2024, v. 3, p. 69-79.

DIAS, A. F.; BRITO, A. M.; ROCHA, K. A. **Vozerio**. 1. ed. Bauru: Editora Ibero-americana de Educação, 2024.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. **Autoetnografia: um panorama**. **Astrolabio**, n. 14, p. 249-273, 2015.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007;

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constança Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p 164-179.

FEITOSA, Belijane. **Ebós de saberes: experiências de mulheres negras na universidade**. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 19, n. 48, p. 1–20, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/16104>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FROST, David M.; MEYER, Ilan H. **The minority stress model: a review of recent developments**. **Current Opinion in Psychology**, v. 51, p. 101579, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2023.101579>. Acesso em: 30/07/2024.

GE. **Lei que proíbe atletas trans de competirem em categoria oposta ao sexo biológico entra em vigor; associação vê transfobia**. *Globo Esporte*, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/rr/noticia/2023/08/10/lei-que-proibe-atletas-trans-de-competirem-em-categoria-oposta-ao-sexo-biologico-entra-em-vigor-associacao-ve-transfobia.ghml>. Acesso em: 30 mai. 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Ana Lúcia Souza. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell\\_hooks\\_-\\_Ensinando\\_a\\_Transgredir\\_1.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf). Acesso em: 10 jun. 2025.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na escola: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009. P.13-51.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Brasília, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LEAL, abigail Campos. *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: Glac Edições, 2021.

LÓPEZ-CANO, Rubén; SAN CRISTÓBAL OPAZO, Úrsula. **Investigación artística en música. Problemas, métodos, experiencias y modelos**, v. 1, 2014

LOURO, G. L. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-94.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 90 p

- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 92-114
- MCLAURIN, Shamla. Homophobia: **An Autoethnographic Story The Qualitative Report**, 8(3), 481-486, FLorida, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2003.1882>> Acesso em: 13 mai. 2024.
- Mendonça, R. F., & Fonseca, D. (2020). **Populismo e governo Bolsonaro: a retomada da “ofensiva burguesa” no Brasil**. *Revista de Ciências Sociais*, 51(1), 29-60
- MENEZES, A. D. DE A. **EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA QUEER E ESTUDOS DECOLONIAIS: QUAIS AS PARCERIAS POSSÍVEIS PARA QUE MAIS VIDAS PERSISTAM? EDUCATION, QUEER PEDAGOGY AND DECOLONIAL STUDIES: WHAT ARE THEIR POSSIBLE PARTNERSHIPS SO THAT MORE LIVES CAN PERSIST?.** *RevistAleph*, n. 31, 20 dez. 2018.
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NOGUEIRA, Andrey. **Futebol, homofobia e suicídio: Justin Fashanu, o primeiro jogador a se assumir gay publicamente. Aventuras na História**, 2022. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/futebol-homofobia-e-suicidio-justin-fashanu-o-primeiro-jogador-se-assumir-gay-publicamente.phtml>. Acesso em: 30 mai. 2024.
- OLIVEIRA NETO, José da Silva. **Relações entre colonialidade e homofobia internalizada: um estudo com jovens universitários brasileiros**. Orientador: James Ferreira Moura Júnior. 2022. 204 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.
- PINHEIRO, Mirelle. **Casal confunde personal com trans e a impede de usar banheiro**; vídeo. Metrôpoles, 27 maio 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/mirelle-pinheiro/casal-confunde-personal-com-trans-e-a-impede-de-usar-banheiro-video>. Acesso em: 27 maio 2025
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: \_\_\_\_\_. *Colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201–246. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 10 jul. 2025.
- ROCHA, Késia dos Anjos. **Manifesta por uma educação sem juízo: ativismos das dissidências sexuais e de gêneros, censuras e educação**. 2023. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.
- ROCHA, Késia dos Anjos; BRITO, Ariel Matos; DIAS, Alfrancio Ferreira. **Vozerio: memórias, escrevivências e alianças políticas na educação**. *Revista Cocar*, v. 16, n. 34, p. 1-20, 2022.
- ROLNIK, Suely. **Subjetividade antropofágica. Territórios de Filosofia**, 22 maio 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/05/22/subjetividade-antropofagica-suely-rolnik/>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- ROSA, A. A. S. ; DIAS, A. F. ; GIVIGI, R. C. N. . Políticas afirmativas e democratização do conhecimento da pós-graduação em educação do Nordeste: uma abertura. In: Acassia dos Anjos Santos Rosa; Alfrancio Ferreira Dias; Rosana Givigi. (Org.). *Políticas afirmativas e democratização do conhecimento da pós-graduação em educação do Nordeste*. 1ed. Aracaju: Criação, 2024, v. 1, p. 7-10.
- SANTOS, T. C. B. **Enfeitiçar a memória: ensaios sobre a noção de des\_arquivo na pesquisa em educação. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.], v. 7, p. e14785**, 2025. DOI: 10.47149/pemo.v7.e14785. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14785>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- SANTOS, T. C. B. **Enfeitiçar a memória: ensaios sobre a noção de des\_arquivo na pesquisa em educação**. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, [S. l.], v. 7, p. e14785*, 2025.

DOI: 10.47149/pemo.v7.e14785. Disponível em:  
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14785>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SPIVAK, **Gayatri Chakravorty**. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Matriz curricular do curso de Bacharelado em Educação Física**. Disponível em:  
[https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=en\\_US&id=320211](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/curriculo.jsf?lc=en_US&id=320211). Acesso em: 24 jul. 2024.

## Anexos

### Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



#### UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

##### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **“Narrar e escrever em bando: rastros de afetos, angústias e saberes na formação de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+”**, de responsabilidade de Jonas dos Reis Souza, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias.

O objetivo desta pesquisa é compreender, a partir das narrativas de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+, como se dão os atravessamentos afetivos, epistemológicos e subjetivos em seus processos de formação na pós-graduação. Para isso, serão consideradas as experiências vividas e narradas por meio de mensagens, documentos de texto, fotos, imagens ou áudios, a partir de um convite sensível ao diálogo, entregue previamente em formato de carta-convite pelo pesquisador.

Sua participação é voluntária e não envolve qualquer tipo de remuneração ou benefício financeiro. Você é livre para recusar o convite, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento, sem prejuízo algum. A recusa ou desistência não implicará nenhum tipo de penalidade.

A participação consiste no envio de uma narração que possa vir em forma de mensagens, documentos de texto, fotos, imagens ou áudios, em que você poderá, livremente, partilhar memórias, reflexões, sentimentos e experiências que tenham

atravessado sua trajetória como estudante-pesquisadore LGBTQIAPN+. Não há roteiro fechado, e você poderá escolher e enviar a resposta conforme seu tempo, desejo e disponibilidade. Caso necessário, poderão ser feitas escutas complementares, sempre com seu consentimento.

As respostas recebidas serão escutadas, transcritas e tratadas com cuidado ético e metodológico, compondo o corpus da dissertação de mestrado, que se ancora na autoetnografia e na escrevivência como caminhos de pesquisa. O tratamento dos dados considera a dimensão afetiva, política e existencial das partilhas, respeitando sua singularidade e autoria.

Em nenhum momento você será identificade sem o seu consentimento. Caso deseje, poderá autorizar o uso do seu nome verdadeiro nas produções acadêmicas derivadas da pesquisa. Se preferir manter o anonimato, será utilizado um pseudônimo, conforme diretrizes da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

( ) Autorizo o uso do meu nome verdadeiro em publicações acadêmicas e demais formas de divulgação científica desta pesquisa, entendendo que isso se dará de maneira ética e respeitosa, conforme as finalidades do estudo.

( ) Não autorizo o uso do meu nome verdadeiro. Desejo que minha identidade seja preservada por meio do uso de pseudônimo, conforme prevê a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar da pesquisa. Caso haja alguma despesa decorrente da participação, você poderá solicitar ressarcimento. Em caso de eventuais danos emocionais, será oferecida escuta atenta e acolhedora por parte do pesquisador, e, se necessário, serão indicados serviços de apoio psicológico disponíveis gratuitamente. A responsabilidade sobre qualquer cuidado emergente é inteiramente da equipe de pesquisa.

Os riscos possíveis da participação incluem: desconforto ao rememorar experiências sensíveis, cansaço emocional, ou dificuldade de se expressar. A participação será conduzida com ética e você poderá silenciar sobre qualquer aspecto que desejar. O

processo é conduzido de forma acolhedora, respeitando seus limites e tempos.

Como benefícios, espera-se que esta pesquisa contribua para a visibilidade de estudantes-pesquisadores LGBTQIAPN+, o fortalecimento de epistemologias dissidentes e o reconhecimento da produção de saberes que emergem da experiência e da coletividade. Seu gesto de partilha será devolvido em forma de cuidado e compromisso com a dignidade das vozes que ecoam neste trabalho.

O procedimento de pesquisa seguirá rigorosamente os critérios éticos estabelecidos pela legislação vigente. Os registros poderão ser utilizados em eventos acadêmicos, artigos e publicações científicas, sempre com preservação da identidade, salvo em caso de autorização expressa.

Se você tiver qualquer dúvida, seguem os contatos:

Jonas dos Reis Souza – Pesquisador responsável

Tel.: (79) 9 99644 6849 | E-mail: [jonasreis@academico.ufs.br](mailto:jonasreis@academico.ufs.br)

Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias – Orientador

Tel.: (79) 9 9999-6958 | E-mail: [diasalfrancio@gmail.com](mailto:diasalfrancio@gmail.com)

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe – CEP/UFS. Para informações adicionais sobre seus direitos, entre em contato pelo e-mail: [cep@academico.ufs.br](mailto:cep@academico.ufs.br) ou telefone: (79) 3194-7208. Endereço: Rua Cláudio Batista, s/nº, Sanatório, CEP 49.060-110, Aracaju-SE.

Identificação do(a) participante:

Nome do Participante

---

Assinatura do(a) Participante

---

Jonas dos Reis Souza – Pesquisador Responsável